UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MESTRADO EM ESTUDOS DE LITERATURA

SUBÁREA: LITERATURA BRASILEIRA E TEORIAS DA LITERATURA

O FIO OBLÍQUO DA LITERATURA EPISTOLAR MACHADIANA

ELISÂNGELA TEIXEIRA RODRIGUES

NITERÓI-RJ

2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

ELISÂNGELA TEIXEIRA RODRIGUES

O FIO OBLÍQUO DA LITERATURA EPISTOLAR MACHADIANA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense - UFF, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Estudos da Literatura. Subárea: Literatura Brasileira e Teorias da Literatura.

Orientador: Professor Dr. JOSÉ LUÍS JOBIM DE SALLES FONSECA

NITERÓI/RJ
2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R696 Rodrigues, Elisângela Teixeira.
O fio oblíquo da literatura epistolar machadiana / Elisângela Teixeira Rodrigues. – 2009.
90 f.
Orientador: José Luís Jobim de Salles Fonseca.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2009.
Bibliografia: f. 85-90.

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - Correspondência. 2. Acervo literário de Machado de Assis. I. Fonseca, José Luís Jobim de Salles. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

CDD B869.6

ELISÂNGELA TEIXEIRA RODRIGUES

O FIO OBLÍQUO DA LITERATURA EPISTOLAR MACHADIANA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense - UFF, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Estudos da Literatura. Subárea: Literatura Brasileira e Teorias da Literatura.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. JOSÉ LUÍS JOBIM DE S FONSECA – Orientador
UFF

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS - 2º MEMBRO
PUC-RIO

ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA - 3º MEMBRO
UFF

NITERÓI/RJ
2009

In memoriam:
Dos meus avós: Luiz Epaminondas de Menezes e Maria das Mercês de Oliveira, pelo amor;
De Vânia Felix Dantas pela amizade, força, paciência e fé.

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença na minha vida.

Aos meus pais, por terem me concebido.

Aos mestres, pela sabedoria partilhada, em especial ao meu orientador Professor Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca, Angela Maria Dias, Ceila Ferreira Martins, Lucia Helena, Paulo Bezerra. A todos minha gratidão.

Aos familiares pelo apoio, em especial à minha irmã Rosângela Maria Teixeira e à minha tia Maria Alves de Oliveira.

Aos amigos que contribuíram para que o sonho se tornasse realidade: Auristela Crisanto, Miguel José de Macedo, Nelma Teixeira Pedretti, Verônica Duarte da Motta e tantos outros que seguem vitoriosos juntos a mim.

À Secretaria de Educação Municipal da cidade de Nova Cruz/RN, na pessoa de Miguel Rosa Filho e Rosângela Cilene.

À Diretora da Escola Estadual Alberto Maranhão, na cidade de Nova Cruz/RN, na pessoa de Maria de Deus Paiva Gomes.

À Maria Cristina Cardoso Ribas pela confiança.

À Irene Moutinho pela grandeza de saber compartilhar.

À Academia Brasileira de Letras.

À Casa de Rui Barbosa.

À Biblioteca Nacional.

À Universidade Federal Fluminense (UFF) pela oportunidade.

A todos que de uma forma ou de outra, contribuíram para o êxito desta tão árdua jornada.

A ausência de todos vocês, tornaria esta realização impossível.

E o mérito das cartas de Machado de Assis passa a existir exatamente quando deixam de ser mera caixa de ressonância das expectativas do intérprete e são valorizadas pelo que reiteram, pelo que (não) dizem, pela presença das elipses, pela linguagem [...]

a literatura epistolar machadiana representa o seu desejo ou a sua disponibilidade para ouvir, embora ainda chegue ao diferente de si pela própria repetição.

Maria Cristina C. Ribas(2008, p. 30-31)

RESUMO

A presente dissertação intitulada “O fio oblíquo da literatura epistolar machadiana” faz um estudo das correspondências de Machado de Assis e seus correspondentes, em edições publicadas e através de manuscritos autógrafos e ainda inéditos, disponíveis na Casa de Rui Barbosa e, principalmente na Academia Brasileira de Letras. No decorrer da pesquisa apresentamos uma resenha da obra *Onze anos de Correspondência: os machados de Assis*, de Maria Cristina Cardoso Ribas; um capítulo sobre o diálogo silencioso entre Machado de Assis e Eça de Queiroz e finalizamos com um capítulo intitulado “Na contramão da *Biblioteca de Machado de Assis*”. No capítulo final, utilizamos a obra *A Biblioteca de Machado de Assis*, organizada por José Luís Jobim e através da mesma, listamos 48 títulos de obras não catalogadas, por Jean Michel-Massa nem por Glória Vianna, apontando seus respectivos autores e doadores.

Palavras-chave: Machado de Assis, cartas, biblioteca.

RÉSUMÉ

La présente dissertation intitulée «Le fil oblique de la littérature epistolar machadiana» fait une étude des correspondances de Machado d'Assis et leurs correspondants, dans des éditions publiées et à travers des manuscrits autographes et encore inédits, disponibles à la Maison de Rui Barbosa et, principalement dans l'Académie Brésilienne de Lettres. Pendant la recherche nous présentons un résumé de l'oeuvre Onzes anos de Correspondência: os machadoss de Assis, de Maria Cristina Cardoso Ribas; un chapitre sur le dialogue calme entre Machado de Assis et Eça de Queiroz et nous finissons avec un chapitre intitulé «Dans la contramão de la Bibliothèque d'Ache d'Assis». Au chapitre final, nous utilisons l'oeuvre *A Biblioteca de Machado de Assis*, organisé par José Luís Jobim et à travers la même, nous énumérons 48 titres d'oeuvres cataloguées, par Jean Michel-Massa ni par Glória Vianna, en n'indiquant pas n n'indiquant pas leurs respectifs auteurs et donneurs.

Mot clé: Machado d'Assis, lettres, bibliothèque.

SUMÁRIO

RESUMO
ABSTRACT
1 INTRODUÇÃO 10

2 NA TRILHA D' "OS *MACHADOS* DE ASSIS" 12

3 UM DIÁLOGO SILENCIOSO ENTRE O "EXTRAORDINÁRIO" MACHADO DE ASSIS E EÇA DE QUEIRÓS 23
4 NA CONTRAMÃO DA BIBLIOTECA DE MACHADO DE ASSIS - OBRAS NÃO CATALOGADAS 44

4.1 LISTA DE OBRAS NÃO CATALALOGADAS N'*A BIBLIOTECA DE MACHADO DE ASSIS* 78

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 83

6 FONTES BIBLIOGRÁFICAS 85
6.1 DO AUTOR 85
6.2 SOBRE O AUTOR 86
6.3 GERAL 89
6.4 TEÓRICA 90

1 INTRODUÇÃO

> *Leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas...*
>
> *(Machado de Assis)*

Esta dissertação estuda a *Correspondência de Machado de Assis* e seus pares, através das cartas publicadas em diversas edições e de outras missivas ainda inéditas, enquanto elementos para desvendar questões da vida e obra deste autor.

O primeiro capítulo intitulado Na trilha d'"os *machados* de Assis", apresenta uma resenha da obra *Onze anos de correspondência: os machados de Assis* de Maria Cristina Cardoso Ribas, enquanto referência obrigatória para o estudo das missivas do escritor brasileiro Machado de Assis.

O segundo capítulo intitulado *Um diálogo silencioso entre o "extraordinário" Machado de Assis e Eça de Queirós*, expõe fatos extraídos da polêmica gerada pela imprensa do século XIX entre esses dois escritores e a abordagem dos críticos que estudaram as obras de ambos, considerando a correspondência de Eça, de seu editor Ernesto Chardron e o diálogo de terceiros sobre Machado e Eça.

O terceiro capítulo, Na contramão da Biblioteca de Machado de Assis - obras não catalogadas, enumera 48 títulos de obras doadas ao escritor brasileiro e que não estão enumeradas nem por Jean Michel-Massa (2001) e nem por Glória Vianna (2001). Essas obras podem ter feito parte do acervo machadiano, podendo ter sido levadas da casa do escritor no momento pós-morte ou ter feito parte do lote extraviado, de acordo com dados extraídos de Massa e Viana.

Através da pesquisa realizada nas correspondências, buscamos esclarecer quem foram os doadores de algumas dessas obras, já catalogadas por Jean-Michel Massa e Glória Vianna na *Biblioteca de Machado de Assis*, e que atualmente

fazem parte do acervo da Academia Brasileira de Letras, ao mesmo tempo, vamos realizando o levantamento dos títulos e dos respectivos autores e doadores das obras que não estão relacionadas, para que dessa forma possamos enriquecer novos estudos sobre Machado de Assis e das leituras por ele realizadas. Este capítulo traz uma lista com a relação dos 48 títulos, seus respectivos autores e doadores.

O trabalho é concluído, fazendo-se uma exposição das descobertas realizadas nos arquivos da correspondência machadiana.

Faz-se importante ressaltar que todas as citações transpostas no decorrer desta pesquisa estão escritas literalmente iguais aos originais tanto quando são os manuscritos e da mesma forma quando são os livros, não tendo sido realizada nenhuma atualização da Língua Portuguesa.

Em se tratando do uso de siglas, esclarecemos que aparecerá no decorrer deste texto apenas uma, que é ABL e significa Academia Brasileira de Letras.

2 NA TRILHA D' "OS MACHADOS DE ASSIS"

> [...] o fato de ter em mãos folhas amareladas pelo tempo, a materialidade do traço, da letra machadiana, ora nítida, ora trêmula, chegando a esgarçar-se nos momentos de crise existencial e moléstia física, é algo que um estudioso de literatura e *cousas*, sobretudo se apaixonado por Machado Assis, sempre sonhou experimentar.
>
> Maria Cristina Cardoso Ribas (2008, p. 23)

Inúmeros são os estudos sobre a obra do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis. Tantos que José Galante de Sousa publicou um livro intitulado *Fontes para o estudo de Machado de Assis*, Jean-Michel Massa publicou a *Bibliographie descritiptive, analytique et critique de Machado de Assis*, e Ubiratan Machado – adotado nesta pesquisa - publicou há pouco tempo a *Bibliografia Machadiana: 1959-2003*, todos com o intuito de auxiliar os estudiosos do autor.

Muitos são os estudos sobre a obra de ficção de Machado de Assis, entretanto, quando se busca fontes para estudar a literatura epistolar machadiana pouco se encontra. Uma obra que apresenta relevância no estudo da *Correspondência* de Machado de Assis é: *O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira*, de Josué Montello e que também será adotado na pesquisa.

Outro caso, dos estudos sobre a *Correspondência, são os* dois artigos publicados no livro *Prezado Senhor, Prezada Senhora*, intitulados *Alencar e Machado: breve diálogo epistolar*, escrito por João Roberto Faria (2000) e *"Veja como ando grego meu amigo": os cuidados de si na correspondência machadiana* de Maria Helena Werneck (2000) que se constituem como fontes ainda pouco abrangentes para o grande número da correspondência machadiana.

Também foram encontradas várias notícias da *Correspondência* machadiana em jornais e revistas, em sua maioria resenhas, ou publicação de manuscritos, inclusive, há

publicações que denotam grande desconhecimento da literatura epistolar de Machado de Assis, trazendo como inéditas cartas publicadas há décadas.

Para que chegássemos a algumas fontes necessárias ao desenvolvimento deste estudo, utilizamos a obra de Ubiratan Machado (2005) como meio de direcionar e como forma para encontrar as publicações de trabalhos sobre a correspondência machadiana, resultando com um número ainda pouco significante de estudos sobre as cartas e dos quais alguns serão abordados no decorrer desta pesquisa.

A pesquisa que aqui se desenvolve estuda a *Correspondência* de Machado de Assis e seus pares, por isso foi-se em busca de subsídios teóricos que pudessem fortalecê-la, encontrando recursos na obra recentemente publicada pela escritora Maria Cristina Cardoso Ribas: *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*.

Conforme assinala José Luís Jobim na apresentação dessa obra (2008, p. 17): "Maria Cristina Ribas produz uma interessante leitura cruzada da obra e da correspondência machadiana, que desde já torna-se referência obrigatória."

Enquanto referência obrigatória, observou-se que a obra de Ribas (2008), está subdividida em quatro partes: 1ª) O Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras; 2ª) Efeitos barthesianos da escritura múltipla: os *machados* de Assis; 3ª) Entre a dor e o cuidado de si e, 4ª) Cartas & contos: o canto de si ou quando os relatos se tornam *delatos*, todo esse conjunto apresentando o viés que será abordado nos parágrafos sequenciais.

No capítulo inicial, que aborda o Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, Ribas (2008) apresenta uma importante colaboração para todo pesquisador que pretende estudar a correspondência ativa ou passiva de Machado de Assis, tornando "visível o valor do acervo que integra o

Arquivo Machado de Assis, do Centro de Memória da ABL." (Ribas, 2008, p. 21)

Em se tratando da correspondência machadiana, o Arquivo Machado de Assis, do Centro de Memória da ABL guarda número considerável de material, entre material disperso, bilhetes, folhetos, cartões de visita, cartões postais e principalmente manuscritos inéditos que compõe grande número da correspondência do escritor com os acadêmicos, além da correspondência institucional e também da correspondência com os amigos íntimos, encontrando-se os correspondentes passivos, espalhados por lugares os mais distintos.

Esse material pode sem nenhuma dúvida oferecer subsídios para desvendar *os machados de Assis* que ainda não foram pesquisados e de acordo com Ribas (2008, p. 22):

> abre um leque de possibilidades interpretativas sobre os perfis de Machado de Assis e permite reconhecer o foco oblíquo com que o "bruxo" radiografa a sociedade carioca do século XIX em sua passagem para o XX. Interessante observar que a reconhecida obliqüidade da lente machadiana ganha novas cores e máscaras no exame cuidadoso do referido acervo.

Não apenas a radiografia produzida através da lente machadiana, mas este acervo possibilita ingressar num universo que muito tem a oferecer no desvelamento dos mistérios, que, mais de um século depois da morte do célebre escritor, ainda cercam a sua vida e sua obra.

Após realizar o exame minucioso de todo o Arquivo Machado de Assis, no Centro Memória da ABL e do Petit Trianon[1], Ribas (2008) compõe o diálogo com a produção crítica e ficcional machadiana, revisando os procedimentos do escritor, da obra e do homem, mas evitando buscar nas cartas

---

[1] As informações contidas nestes acervos da ABL são de domínio público.

dados da intimidade de Machado sob a máscara do testemunho autoral.

O segundo ponto da obra de Ribas (2008, p. 39) trata dos *Efeitos barthesianos da escritura múltipla: os machados de Assis*, e busca encontrar a "voz epistolar machadiana", e à luz de Roland Barthes, "erigir sujeitos machadianos, múltiplos *machados*".

Ao mergulhar na correspondência machadiana a autora percebe que não há segredos a serem encontrados, porque Machado nada ou quase nada conta, além do já dito e sabido por todos. Então, segue o caminho de Barthes e percebe que no contar sem objeto há uma intransitividade que contraria a expectativa e remete o olhar para o emissor como explicação para a origem da ausência. Para a autora, nesse ponto de fuga morre o autor e vive a escritura, porque, mesmo versando sobre o já dito, mantém o interesse do interlocutor.

Ao avaliar esse interesse do ponto de vista do destinatário, ela inclui um somatório de fatores socialmente atribuídos, como a ética machadiana, a figura emblemática e o contágio pela aura do mestre e aconselhador. Quanto ao intérprete, afirma que o interesse vem do questionamento, assim retomando a reflexão sobre o autor.

Para Ribas (2008, p. 40-41), a narrativa machadiana é assumida por um mediador, que a autora nomeia como narrador:

> O mediador – que narra, conta, omite, repete ou silencia – é um produto do autor, uma das máscaras, todas desconcertantes porque igualmente genuínas e dissimuladoras.

Quando Ribas (2008) se atém exclusivamente à correspondência machadiana, ela encontra nas missivas uma experiência rica e desconcertante que impede a construção de uma imagem literária de Machado de Assis, consoante com as

imagens que são possíveis encontrar na cultura corrente, mostrando a face de um Machado que apenas trata de assuntos corriqueiros e nem um pouco confidenciais.

Ribas lê a literatura epistolar machadiana pelo viés das negativas inseridas nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerando a correspondência que nada traz de novidade como uma escrita do aqui e do agora.

Dessa forma, Ribas (2008, p. 31) afirma que:

> A literatura epistolar machadiana representa o seu desejo ou a sua disponibilidade para ouvir, embora ainda chegue ao diferente de si pela repetição.

Em nossa opinião, é nos silêncios do já dito, do que "aparentemente" está posto que estão tecidos os muitos e complexos fios dessa leitura epistolar, haja vista que ler essa correspondência nos remete a muitas outras leituras para compreendê-la, o que significa ler o homem, ler a obra, ler a história, ler os fatos que aconteciam à época, para apenas através dessa complexa rede, compreender o explicitamente "dito". É como diz Ribas (2008, p. 39) ao citar Barthes: a escritura propõe sentidos sem parar, é uma escritura que não tem fundos.

O terceiro aspecto da obra de Ribas (2008, p. 47) traz à tona *Entre a dor e o cuidado de si*. Trata-se de um capítulo que a autora subdivide n'*O sujeito polifônico- mascaramento & vozes* (p. 69 - 73) e n'*A escrita de si ou a sombra da sombra de uma lágrima*.(p. 73 – 83).

Para compreender "a letra machadiana" a autora, à luz de Foucault, afirma ser necessário adentrar a vida privada porque é um centro de referência e um dos pressupostos para a (auto)valorização das classes burguesas nos países ocidentais do século XIX.

Como Foucault caracteriza a *cultura de si* pelo não-individualismo, ao ler a correspondência de Machado com os

acadêmicos[2] Ribas (2008) verifica a recorrência de aconselhamento e orientação para os jovens, ou seja, orientação pedagógica, vista sobre o "rosário de doenças" que unia os missivistas numa espécie de confraria que iria findar com a fundação da Academia Brasileira de Letras.

Ao definir *cuidado de si* como atributo privilegiado de "ser poeta", escritor ou autor na correspondência machadiana, Ribas (2008) compreende que o missivista realoca o leitor em uma posição especial e ao mesmo tempo deixa o destinatário à vontade para também emitir comentários sobre a produção literária, uma vez que os missivistas são autores de livros e nesse percurso as cartas vão desenhando as estratégias de como olhar para si mesmos, mediados pelo olhar alheio e reafirmando o lugar do missivista na sociedade em que vivia.

Ao trazer para seu estudo Roberto Corrêa, Ribas (2008, p. 52) afirma:

> Todos falam de si, mas dificilmente vêem fisicamente o corpo marcado pela dor. Trazemos aqui Roberto Corrêa, quando nos oferece a bela imagem do rosto como representação viva do narrado: "Do corpo, o rosto é o local privilegiado: papel branco onde se escrevem as sintomatizações; acentua-se aí seu significado metafísico de espelho da alma."

Como a imagem do rosto é a representação do sintoma narrado, Machado, por mais discreto que tenha sido sobre a sua doença, não conseguiu esconder o texto do próprio corpo na escrita epistolar e é característica dele ter evitado o confinamento social, isso enquanto presença física e enquanto presença escrita (através das cartas).

É possível localizar inúmeras cartas que abordam questões referentes aos sintomas do corpo do narrador/receptor, principalmente nas missivas permutadas

---

[2] Ribas (2008) considera como acadêmicos os missivistas que faziam parte da ABL.

com Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo que abordam o assunto das doenças sem nenhuma desfaçatez.

Nesse discurso do *cuidado de si*, na escrita epistolar encontra-se grande afinidade de Machado com Mário de Alencar, sendo que se identificavam entre outras situações pela doença que os acometia.

Esse discurso vai acontecer também com outros missivistas citados pela autora, e ela observa que, mesmo quando Machado fala de outros assuntos, traz o foco para si e escreve sobre o próprio corpo doente, mas a palavra epilepsia nunca é mencionada diretamente, tendo sido esta uma forma de autopreservação pessoal.

Além das referências ao corpo no contexto epistolar, a pesquisa também traz anotações de Machado que versam exclusivamente sobre a doença que o acometia.

Ao trazer *O sujeito polifônico* para o seu estudo, Ribas (2008) pensa as relações entre vida e escrita, autor e obra, para entender o problema da relação do sujeito com a escrita e o não-lugar do Machado missivista.

Para compreender essas relações, Ribas (2008) volta a Foucault com definições de autobiografia, biografia e "função-autor", expondo que, sendo a autobiografia uma figura de leitura através do lido, é possível encontrar fragmentos de representação autoral e por isso, ao ler as cartas, o sujeito está ingressando na senda biográfica que reproduz a vida enquanto natureza contratual e é o leitor quem vai assumir o papel de juiz nesse jogo discursivo.

Sendo a "função-autor" ligada aos sistemas legais e institucionais, Ribas (2008) a define pela atribuição não espontânea de um texto ao seu criador, mas através de uma metodologia complexa, que não se reporta a um sujeito, mas a uma multiplicidade de egos e uma série de posições que podem ser ocupadas por qualquer indivíduo.

Por isso a autora acredita que grandes autores, caso de Machado de Assis, não devem ser vistos pela representação isolada, mas pela tradição que podem inaugurar, devendo ser encarados não só como práticas discursivas que produzem a própria obra, mas como possibilidade de formação de outros textos. Então, "dissolver" Machado não é desvalorizá-lo, mas compreender a sua polifonia e encará-lo como formador de outros textos e heranças.

Ao estudar a correspondência machadiana, Ribas (2008) encontra um Machado de Assis que se oferece ao olhar alheio, mas ele não se apresenta como lei verdadeira, mas sim como exemplo de autenticidade, ele é aquele indivíduo capaz de inspirar e que ao prescrever sua própria vida nas missivas, encontra o modo de estar consigo mesmo e com o outro e, nessa escrita, torna-se possível encontrar uma forma mínima de biografia, assunto esse no qual a autora não se detém.

N'*A escrita de si* enquanto forma de atenuar a solidão, o fato de obrigar-se a escrever funciona como um companheiro que preenche os vazios existenciais. À luz de Foucault, Ribas (2008) encontra semelhanças entre as correspondências de Machado para seus destinatários e os *hypomnemata* por ocasião das anotações sobre a epilepsia porque o movimento da escrita permite ir cuidando de si enquanto se (auto)constitui e institui.

Ribas (2008, p. 76), ainda à luz de Foucault, diz:

> A missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar ao exercício pessoal. Ao escrevermos, lemos o que estamos escrevendo como se estivéssemos ouvindo o que temos a dizer. A carta tem uma dupla função, que a aproxima dos *hypomnemata*, ou seja, quando enviada, simultaneamente retorna aos olhos de quem a enviou pelo ato de leitura e releitura que o próprio gesto da escrita faculta.

Assim, a missiva sendo um texto destinado a outro, permite ao mesmo tempo o exercício pessoal. No caso de

Machado de Assis mostra a atividade de um homem de idade, anunciando sua retirada da vida literária e epistolar e traz para o destinatário as bases para uma conduta ética e relatos de eventuais progressos por parte de ambos.

Além de ultrapassar o auto-adestramento pela escrita, a carta constitui uma maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros, também proporcionando a presentificação pela escrita. A autora conclui entendendo que a prática epistolar machadiana é um jogo contratual para povoar a solidão existencial.

O quarto e último ponto abordado por Ribas (2008) dá conta das *Cartas & contos: o canto de si ou quando os relatos se tornam delatos* e está subdividido em três tópicos: 1º) *Do trânsito social;* 2º) *Da construção de uma literatura nacional,* e 3º) *Sob a máscara do absenteísmo político.*

Ao expor aspectos *Do trânsito social,* Ribas (2008) retoma a trajetória da vida de Machado de Assis trazendo à tona dados singulares apresentados pelos biógrafos desde a infância pobre até a vida profissional no trabalho público, no período da Monarquia e posteriormente da República, fatos que também podem ser atestados através da escrita epistolar com os amigos.

Ao contextualizar esses dados da gênese dessa trajetória social e filosófica, Ribas (2008) lê o homem e suas leituras, utilizando como recursos, além das cartas e da literatura por ele produzida, o acervo de sua biblioteca pessoal, disponível na ABL.

Ao cuidar *Da construção de uma literatura nacional,* Ribas (2008), à luz de Pujol, conta da estréia de Machado de Assis no jornalismo pela crítica literária. Para o escritor das *Crisálidas,* esse tipo de escrita era um meio de gerar autores e leitores, visando à construção de uma literatura nacional, conforme ele mesmo esclarece quando publicou *Instinto de*

nacionalidade ou quando reforçou esse projeto ao publicar *A nova geração*.

Para a autora, a crítica empreendida por Machado é uma atividade pedagógica empenhada no projeto de construção nacional e que vai sendo reforçada através dos contatos epistolares com os amigos missivistas, quando prefacia obras, estimula jovens escritores, corrige criações literárias, orienta, etc., mas sempre evitando as polêmicas e evitando responder, como é o caso de Sílvio Romero.

Abrimos um parênteses na obra de Ribas e acrescentamos, aqui, a polêmica gerada pelos jornais sobre *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, quando Machado afirma que não retomará mais tal assunto, evitando assim, envolver-se no debate público do caso. Então, a trajetória de crítico vai gradualmente sendo reduzida em função do romancista crítico.

O terceiro e último tópico deste ponto que abordamos é constituído por Ribas (2008) com *Sob a máscara do absenteísmo político*, ponto no qual ela faz o cruzamento da leitura das cartas com o conto de Machado de Assis intitulado *Teoria do Medalhão* que é uma espécie de lição de como ser político, utilizando o conto como forma para esvaziar o discurso produzido pelo tempo de que o autor de *Brás Cubas* foi um absenteísta na política brasileira.

A autora conclui o estudo mostrando que as cartas permitem a bricolagem das máscaras – "de Brás Cubas a Machadinho" – trazendo dimensões afetivas surpreendentes para quem só conhece a ficção machadiana.

Mesmo trazendo um viés diverso da nossa abordagem, a obra foi um recurso importante, porque findou por indicar novas fontes e outros caminhos a serem trilhados, na pesquisa que por ora se desenvolve, além de ajudar a compreender as relações do receptor com a escrita de um texto (cartas) que aborda assuntos que são, quase em sua maioria, do conhecimento público, a construção dos *machados de Assis*

nos proporciona outro ângulo de visão tanto da escrita epistolar quanto da ficção machadiana.

3 UM DIÁLOGO SILENCIOSO ENTRE O "EXTRAORDINÁRIO" MACHADO DE ASSIS E EÇA DE QUEIRÓS

Cada tempo tem o seu estilo.
Machado de Assis

Muitos são os estudos que os anos produziram acerca de Machado de Assis e Eça de Queirós e várias são as polêmicas criadas pelo tempo.

Acreditam alguns que a questão gerada entre o escritor brasileiro Machado de Assis e o escritor português Eça de Queirós teria tido início, antes do estudo crítico que o então escritor de *Helena* publicou sobre o romance *O Primo Basílio*, na Revista *O Cruzeiro* em 16 e 30 de abril de 1878, respectivamente.

Talvez esse estudo tenha sido motivado pela publicação do artigo *O brasileiro,* na obra *As Farpas,* de fevereiro de 1872, no qual se entende a depreciação do tipo nacional, que conforme Eça é um tipo *"criado para o riso público"*[3] e nessas publicações nem o imperador brasileiro foi poupado em um artigo intitulado *"A mala de um príncipe*[4]*"* por ocasião da visita do monarca à Europa.

Osmar Pereira Oliva (2005, p. 380), na *Revista Convergência Lusíada,* 21, afirma que:

> A polêmica provocada em fevereiro de 1872, com a publicação de "O brasileiro", no *As Farpas,* de autoria de Ramalho Ortigão e de Eça de Queirós, rendeu vários artigos em jornais da época, principalmente no Recife, dos quais tem-se referência *O Meteoro, O Movimento, Os Farpões* e *A América Ilustrada.* João Medina, em seu livro *Reler Eça de Queirós – Das Farpas aos Maias,* afirma ter Eça revelado uma estranha e significativa fobia a tudo quanto fosse brasileiro, desde a alimentação

---

[3] QUEIROZ, (s/a: p. 1191).
[4] QUEIROZ, (s/a: p. 1176).

> aos valores da cultura, de forma que o artigo "O Brasileiro" era achincalhante e injusto.

Osmar Pereira Oliva (2005) mais adiante no mesmo artigo faz a retratação de Eça de Queirós, afirmando que ele teria feito o mesmo com a figura do português, colocando tanto portugueses quanto brasileiros na mesma condição de igualdade, deduzindo-se que eram pessoas passíveis do riso.

Ao que parece, Machado de Assis (1910, p. 58) manteve-se em silêncio por alguns anos, entretanto, não esquecido das características atribuídas aos brasileiros, pois logo no primeiro parágrafo da sua crítica a *O Primo Basílio*, elabora referência *As Farpas:*

> Um dos bons e vivazes talentos da atual geração portugueza, o Sr. Eça de Queirós, acaba de publicar o seu segundo romance, o *Primo Bazilio*. O primeiro, *O Crime do Padre Amaro*, não foi de certo sua estréa literaria. De ambos os lados do Atlantico, apreciavamos ha muito o estilo vigoroso e brilhante do colaborador do Sr. Ramalho Ortigão, n'aquellas agudas *Farpas*, em que aliáz os dois notaveis escritores formaram um só.

Na verdade, a crítica machadiana a *O Primo Basílio*, já começa em tom depreciativo sobre as *Farpas*, uma vez que ele afirma não se saber quem é quem na produção da obra, a qual define como sendo a junção de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, que produziam uma espécie de escrita contígua. É nesse ponto que o silêncio é quebrado e Machado de Assis com uma escrita certeira atinge o escritor português, com sua crítica "severa" a *O Crime do Padre Amaro*, a *O Primo Basílio* e *As Farpas*.

É interessante assinalar que a publicação *d'As Farpas* no Brasil tornou-se uma grande polêmica na imprensa da época, repercutindo no país inteiro e até na cidade de Goiana, interior de Pernambuco, por causa da depreciação do imperador e do homem brasileiro, ocasionando como resultado os conflitos anti-lusitanos no Nordeste do Brasil.

Muitas são as críticas produzidas nos jornais da Europa e nos jornais brasileiros a respeito da obra *O Primo Basílio*, muitas assinadas com pseudônimo, característica bastante comum à época da publicação. Alguns desses nomes foram desvendados com o tempo, mas outros ainda apresentam dúvida até hoje e mesmo antes da crítica feita por Machado de Assis, outros fizeram o julgamento depreciativo da obra do escritor português.

Então, em 1878, o que seria apenas uma crítica literária às produções do escritor português Eça de Queirós, e direcionada com mais vigor a *O Primo Basílio*, torna Machado de Assis (1910, p. 72) alvo de inúmeros críticos, por causa da análise da obra queirosiana, conforme ele próprio assinala no segundo artigo sobre a apreciação d'*O Primo Basílio:*

> Ha quinze dias, escrevi nestas colunas uma apreciação critica do segundo romance do Sr. Eça de Queiroz, *O Primo Bazilio*, e d'ai para cá appareceram dois artigos em resposta ao meu, e porventura algum mais em defeza do romance. Parece que a certa porção de leitores dezagradou a severidade da critica. Não admira; nem a severidade está muito nos habitos da terra; nem a doutrina realista é tão nova que não conte já, entre nós, mais de um fervido relijionario. Criticar o livro era muito; refutar a doutrina, era demais. Urjia, portanto, destruir as objeções e aquietar os ânimos assustados; foi o que se pretendeu fazer e foi o que se não fez.
> Pela minha parte, podia dispensar-me de voltar ao assunto. Volto (e pela ultima vez) porque assim o merece a cortezia dos meus contendores; e outrossim, porque não fui entendido em uma das minhas objeções.

E assim, Machado de Assis dá por encerrado o assunto *O Primo Basílio*, respondendo no artigo de 30 de abril de 1878 à crítica de H. Chaves (publicada em 20 de abril de 1878, com o pseudônimo de J. Saraiva) e de Ataliba Lopes de Gomensoro (com o pseudônimo de Amenófis Efendi), críticos que, dentre muitos outros nomes que se referiram a *O Primo Basílio*, como Ramalho Ortigão, Carlos de Laet, Ferreira Araújo, Luiz de

Andrade, D. Fortes[5], Ferreira de Menezes (supostamente com o pseudônimo F. de M.), e Afonso Celso Júnior que estiveram envolvidos, através da imprensa da época, nesse debate público.

As polêmicas ainda iriam continuar nos jornais da época por mais tempo, retornando, inclusive, Amenófis Efendi em 3 de maio a dirigir-se a Eleazar (Machado) que ficou silente como havia prometido, mas não por muito tempo.

Eça ao tomar conhecimento dos artigos, escritos no Brasil e também divulgados na Europa, escreve uma carta[6] a Machado de Assis, na qual assinala o seguinte:

> Exmo. Senhor e [presado] colega [Uma] correspondencia do Rio de Janeiro para o Actualidade (jornal do Porto) revela ser o Sr. Machado D'Assis, nome tão estimado entre nos, ser o autor do bello artigo sobre o Primo Basílio, e o Realismo, publicado no Cruzeiro de 16 de april, assinado com o pseudonymo de Eleasar. Segundo essa correspondencia ha ainda sobre o Romance mais dois folhetins de V., Sa. nos [tt^{os}] de 23 e 30 de april. Creio que outros escritores brasileiros me fizeram a honra e criticaram o Primo Basílio: — mas eu apenas conheço o folhetim de V. Sa., do dia 16, que foi transcripto em mais d'um jornal portugues. O meu editor, Sr. Chardron, encarregou-se de colligir suas apreciações de que eu tenho uma curiosidade, quasi anciosa.

O próprio Eça afirma ter conhecimento de apenas um dos artigos publicados por Machado de Assis, o do dia 16 de abril de 1878 que foi publicado em vários jornais de Portugal, demonstra ainda, a ansiedade e o desconhecimento dos demais artigos sobre *O Primo Basílio*, ou seja, ainda não tinha conhecimento do artigo de 30 de abril do mesmo ano, nem dos

---

[5] Até hoje não identificado pelos estudiosos do assunto.

[6] A carta está disponível uma parte em fotocópia e outra parte manuscrita na ABL. Essa carta tem apresentado algumas controvérsias no decorrer do tempo sobre a data que está pouco legível, mas é possível depreender-se que foi escrita após a publicação dos artigos publicados por Machado de Assis, assim seria datada do ano de 1878 e não de 1870 como desejam alguns. Mas precisamente de New-Castle-on-Tyne (Inglaterra), 29 de junho de 187[8].

demais artigos escritos por brasileiros, favoráveis ou não, a obra em questão.

A idéia de Eça consiste de que seriam três os artigos saídos da pena machadiana, quando foram apenas duas publicações daquele mês, as quais faziam a crítica ao romance queirosiano, isso conforme a referência do escritor português e especificadamente no mês de abril.

Dos dois famosos artigos de Machado, o primeiro faz a apreciação do romance e o segundo faz a refutação das críticas dirigidas ao escritor brasileiro por ocasião do artigo de 16 de abril, que conforme o próprio Eça[7] é adverso ao romance *O Primo Basílio*, mas que ainda assim ele escreve para agradecer não apenas a Machado de Assis, mas aos escritores brasileiros que também escreveram sobre o romance. De acordo com informações mais adiante na carta citada, diz Eça:

> Enquanto não conheço, não posso naturalmente fallar d'ella — mas não quis estar mais tempo sem lhe agradecer a V. Sa., seu excelente artigo de 16. Além de me ser em geral adverso, quasi reveso, e de ser inspirado por uma hostilidade quasi partidaria á Escola Realista — esse artigo [todavía pela sua elevaçao e pelo talento com] que está feito honra o meu livro, quasi lhe aumenta a autoridade.

Realmente, a posição de Machado de Assis, ainda que adversa aumentou a autoridade da obra, principalmente porque gerou a produção de outras críticas além, das muitas *charges* produzidas na impressa da época, e mesmo antes de Machado escrever sobre a obra, outros haviam escrito, mas a repercussão não pareceu ter o mesmo peso da pena machadiana.

A autoridade cedida à obra de Eça, por Machado de Assis, não consiste apenas em ter gerado a polêmica jornalística, mas em ter impulsionado um discurso muito

---

[7] New-Castle-on-Tyne (Inglaterra), 29 de junho de 187[8], disponível no arquivo da ABL.

abrangente na imprensa, uma vez que *O Primo Basílio* estava recebendo da imprensa o mesmo silêncio que havia recebido *O Crime do Padre Amaro*, como pode ser conferido na correspondência de Eça de Queirós a Teófilo Braga, datada de "Newcastle, 8 de Abril de 1878"[8] ou numa carta do pai do escritor d'*As Farpas* datada de 26 de fevereiro de 1878[9].

O pai de Eça, José Maria de Queiroz[10], por ocasião da publicação de *O Primo Basílio*, em carta de 26 de fevereiro de 1878, escreve ao filho:

> *O Chardron mandou-me o Primo Basílio. Não sei se ele o mandou aos jornais. O que sei é que lendo eu todos os dias os jornais de Lisboa, e os do Porto que há no Grêmio, nenhum deles tem anunciado a publicação, a não ser o Jornal do Norte e o Jornal do Porto.*
> *O Jornal do Norte anunciou a publicação, disse que ia ler o romance, e daria a sua opinião. Por ora ainda não a deu.*
> *O Jornal do Porto publicou apenas a breve notícia que verás no número que mando hoje pelo correio.*
> *Não sei pois se os periódicos se têm conservado silenciosos pelo motivo de lhes não ter o Chardron mandado o romance (se é que não mandou), ou se fazem como fizeram com o Padre Amaro, e como fazem com qualquer publicação que eclipsa o falso brilhante da literatura de papel pardo, que é a literatura destes literatos das dúzias. Isto quanto aos periódicos; e se alguma coisa aparecer publicada, eu ta mandarei.*

No início de abril de 1878, Queiroz (s/a, p. 518) diz a Teófilo Braga:

> Alegra-me que Você queira escrever alguma coisa sobre o *Basílio;* a sua opinião, publicada, daria ao meu pobre romance uma autoridade imprevista. Dar-lhe-ia um direito de existência; e de todos os defeitos, faltas ou erros que Você notar – tomarei cautelosamente nota. Eu tenho paixão de ser *leccionado*: e basta darem-me a entender o bom caminho para eu me atirar para ele. Mas a crítica,

---

[8] QUEIROZ, Eça. s/a, p. 518.
[9] Disponívelem:[http://books.google.com.br/books?id=ss1KekN9NUkC&pg=PA47&lpg=PA47&dq=jornais+do+porto++1878++primo+bas%C3%ADlio&source=bl&ots=s5LlW201JF&sig=DxW7WfDcp2YucqQaohYU08bfyow&hl=ptBR&sa=X&oi=book_result&resnum=2&ct=result], acesso em: 15/11/2008.
[10] Idem, ibidem.

> ou o que em Portugal se chama de crítica, conserva sobre mim um silêncio desdenhoso.

Enquanto em 08 de abril de 1878 Portugal mantém "um silêncio desdenhoso", no mesmo mês Machado de Assis publica seu primeiro artigo sobre *O Primo Basílio, o* que ocasionou novos artigos na imprensa brasileira da época.

Machado de Assis assumiu publicamente no artigo de 30 de abril que voltava "pela última vez" ao assunto *O Primo Basílio*, e é concorde a posição dos estudiosos de que o escritor brasileiro também nunca respondeu à carta de Eça.

Mediante tais afirmações findaria neste ponto o assunto Machado de Assis, Eça de Queirós e *O Primo Basílio*, não fosse pelo aspecto de ir-se em busca de mais dados sobre o assunto que fundamentassem esse diálogo silencioso ao longo de mais alguns anos.

Assim, não menos interessante que o escrito na missiva de Eça de Queirós é a carta de Ernesto Chardron, editor do escritor português, a Machado de Assis, datada do Porto em 27 de julho de 1878[11].

O teor da carta de Chardron[12] enviada um mês após a correspondência de Eça de Queirós é no mínimo curiosa:

> Ao amº Moutinho devo o favor da carta inclusa para V. Exª.
> Espero merecer de V. Exª a fineza da autorização pedida.
> Se [já], se não poder accudir ao "Primo Bazílio", ao menos se [evitará] a fraude para as "Scenas".
> Tendo a declaração de ser feita de outra forma, queira ter a bondade de indicar m'o.
> Brevemente enviarei a V. Exª. Algumas das scenas para, ao dar parte da publicação, poder extrahir um trecho do livro.

---

[11] A carta de Chardron chegou até Machado de Assis inclusa em uma correspondência de Moutinho – provavelmente Julio Moutinho de Souza de quem data, nos arquivos da ABL, uma carta de 28/10/1904 por motivo da morte de Carolina.

[12] Porto, 27 de julho de 1878. Manuscrito disponível na ABL ou MONTELLO (1986, p. 54).

E seria esse o conteúdo da carta de Chardron a Machado. Entretanto, estas informações produzem uma série de indagações no leitor: 1º) Qual autorização Chardron estava pedindo a Machado? 2º) De quais cenas o editor de Eça estava pedindo para que fosse evitada a fraude? 3º) Teriam, porventura, chegado até Machado as tais cenas? 4º) Haverá uma resposta de Machado ao editor português?

Montello, (1986, p.54-55), informa:

> As *Cenas* a que o missivista aludia eram *Cenas da vida portuguesa,* coleção de doze romances, primitivamente denominada *Crônica da vida sentimental,* que Eça de Queirós contratara com a Casa Chardron e que, devendo iniciar-se com *A capital* seria concluída com *Os Maias*.
> A carta do editor português a Machado de Assis não viera acompanhada apenas da carta do amigo a que fazia referência. Trazia também a folha de rosto, ainda em provas, da segunda edição de *O Primo Basílio* e de *A capital*.

Montello (1986, p.55), afirma ainda, que a carta de Chardron trazia escrita no verso das folhas enviadas ainda em provas a seguinte declaração:

> Declaramos, para todos os efeitos da lei, que a propriedade desta obra, no Império do Brasil, pertence ao Exmo. Sr. J. M. Machado de Assis. – Eça de Queirós – Ernesto Chardron.

Tendo sido o escritor de *Iaiá Garcia,* um dos leitores críticos, mais severos de *O Primo Basílio* não poderia socorrer os defeitos do romance queirosiano, e o editor Ernesto Chardron, estando a par do grande projeto de Eça para publicar as *"Cenas Portuguesas"* ou *"Cenas da Vida Portuguesa"* desde 05 de outubro de 1877, pedira socorro ao escritor brasileiro para as *"Cenas Portuguesas"* ou *"Cenas da Vida Portuguesa"*, para que dessa forma se evitassem as críticas adversas à nova produção do escritor português.

Entretanto, o silêncio sobre a possível resposta de Machado a Chardron permanece até os dias atuais.

Do grande projeto de Eça de Queirós para as *Cenas da Vida Portuguesa*, só veio a público durante sua vida *Os Maias* e algumas das produções que faziam parte da intenção do autor para esse projeto, tornaram-se produções póstumas, editadas a partir de 1924 pelo seu filho.

Se Machado de Assis escreveu respondendo a Ernesto Chardron, não se tem notícia escrita, e se porventura há uma escrita, poderia fazer parte de algum arquivo particular, em Portugal e, caso a resposta tenha sido enviada pelo portador da correspondência, o Sr. Moutinho, apenas o próprio, poderia testemunhar ou ter escrito sobre o assunto.

Desta forma, fica comprovado que era intenção do editor de Eça de Queirós, Ernesto Chardron, que Machado de Assis atuasse em co-parceira com o escritor português na publicação das *Cenas da Vida Portuguesa*, uma vez que a obra *A Capital* é uma publicação póstuma, pertencente inicialmente ao projeto das *Cenas* queirosianas.

Mas o assunto *O Primo Basílio* continua na moda, mas dessa vez no teatro, sendo anunciada a peça na *Revista Ilustrada* de 11 de maio de 1878 numa resenha assinada por A. Dias[13]. Retornam a cena para escrever sobre a peça S. Saraiva[14] afirmando que "a ação dramática do livro de Eça de Queirós é quase nula." Outras resenhas sobre a peça vão surgindo, como uma assinada por Toby[15], Elezar (Machado de Assis), Amenófis Efendi e conforme Nascimento (2008, p.285), uma resenha publicada sem indicação de autoria.

---

[13] Pseudônimo até hoje não identificado, conforme NASCIMENTO, 2008, p. 256.
[14] In: NASCIMENTO, (2008, p. 264).
[15] Fontoura Xavier. Cf. (NASCIMENTO, 2008, p. 272).

Naquele mês de julho, precisamente no dia 07 de julho de 1878[16], volta à cena o Sr. Machado de Assis[17] sob o pseudônimo de Eleasar, descumprindo a promessa realizada em 30 de abril e voltando a escrever sobre *O Primo Basílio* numa crônica sobre a transposição do romance para o teatro.

> Parece que o Primo Basílio, transportado ao teatro, não correspondeu ao que legitimamente se esperava do sucesso do livro e do talento do Sr. Dr. Cardoso de Meneses. Era visto: em primeiro lugar, porque em geral as obras, geradas originalmente sob uma forma, dificilmente toleram outra; depois, porque as qualidades do livro do Sr. Eça de Queirós e do talento deste, aliás fortes, são as mais avessas ao teatro. [...]
>
> Se o mau êxito cênico do Primo Basílio nada prova contra o livro e o autor do drama, é positivo também que nada prova contra a escola realista e seus sectários. Não há motivo para tristezas nem desapontamentos; a obra original fica isenta do efeito teatral; e os realistas podem continuar na doce convicção de que a última palavra da estética é suprimi-la. Outra convicção, igualmente doce, é que todo o movimento literário do mundo está contido nos nossos livros; daí resulta a forte persuasão em que se acham de que o realismo triunfa no universo inteiro; e que toda a gente jura por Zola e Baudelaire.

E ironicamente Machado de Assis avalia o drama em comparação ao livro, mantendo firme a posição de abril ao contrário dos seus contendores que além de declararem o drama, representado no Teatro Cassino, no Rio de Janeiro no mesmo ano de 1878, não ser adequado para a encenação por ferir os bons costumes e a moral, indiretamente afirmam que Machado estava certo desde o princípio de suas críticas.

Rosa (1963) acrescenta a essa crônica uma carta de Domício da Gama, na qual Machado de Assis envia ao escritor português o *Quincas Borbas* e finaliza a discussão sobre o diálogo Machado-Eça trazendo à cena a carta por ocasião da morte de Eça, endereçada ao seu contendor, H. Chaves, na

---

[16] Disponível in: [http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf], acesso em 26/12/2008.

[17] MACHADO DE ASSIS, *O Cruzeiro*, 07 de julho de 1878.

polêmica d'*O Primo Basílio e* nesse ponto finaliza o diálogo entre os dois escritores.

A carta de Domício da Gama datada de "Pariz, 12 de junho de 1892"[18], da qual se expõe aqui um trecho, diz:

> Queria tambem fallar-lhe no Quincas Borba, que li no exemplar que o sr. Mandou ao Eça de Queiroz, lá pàra o escriptorio da Gazeta. O Eça está em Portugal e o seu livro está aqui em casa. Quando elle voltar, lhe escreverá, naturalmente. Elle é talvez o seu maior admirador da Europa. Chama-o de extraordinário que é o seu qualitativo superfino de artista. Nós conversamos muito sobre tudo que da sua pena apparece por aqui. O seu último livro foi um sucesso em toda a linha, a começar pelo Araújo.

Pelo escrito, percebe-se que Machado de Assis escreveu a Eça enviando-lhe o *Quincas Borba* e que, conforme Domício da Gama, haveria retorno da escrita.

Montello (1986, p.56) transcreve a dedicatória feita por Machado no *Quincas Borba* para Eça: "A Eça de Queirós – Machado de Assis. 10-4-92."

Nesse fio de complexo encadeamento que é a *Correspondência* de Machado de Assis, ainda outras vezes o nome Eça de Queirós vai aparecer no dialogismo epistolar no decorrer dos anos, indo até o ano de 1902.

Vários são os amigos de Machado de Assis que, estando na Europa, dão notícia de Eça de Queirós através das cartas. Dentre eles, destacam-se alguns detalhes por Magalhães de Azeredo (1969, p. 114) em carta de Paris, em 6/6/97:

> Vejo aqui com muita frequencia o illustre romancista Eça de Queiroz, que, como já sabe, o tem em grande apreço. Agora se fundou aqui para o Brasil e Portugal um periodico – a *Revista Moderna* – que pela sua elegancia de *factura*, pela impressão, pelas ilustrações rivalisa com as melhores de Paris e é verdadeira novidade na nossa lingoa. O 1.º numero que já deve ter recebido traz um lindo conto do Eça, 2.º trará outro; já prometti

[18] Fonte: ABL, manuscrito autógrafo.

> um para o 3.º. A redação deseja vivamente publicar um conto seu, meu querido Mestre, e me encarregou de lh'o pedir. Espero que m'o mandará, e como elle deve ser illustrado, fará o favor de marcar os trechos – tres ou quatro – a que se devem referir as illustrações.

Machado de Assis (1969, p. 122), numa carta, que está incompleta, diz a Magalhães de Azeredo:

> Também recebi, mandados pelo editor, dous numeros da *Revista Moderna*, que me pareceram, litterariamente e materialmente, m.^{to} bem feitos. Os dous contos do Eça de Queiroz, *A Perfeição* e *José Mathias* são lindos. Pede-me um, em nome da redacção, mandar-lh'o-hei logo que possa. Ando em divida com a *Revista Brasileira*, e divida por falta de tempo e sobra de cansasso. Hade ter visto que suspendi, ha tempos, *as semanas* da *Gazeta;* penso voltar a ellas, mas ainda não escolhi dia. Alem do mais, andei adoentado, e não me posso dizer inteiramente restabelecido. Mas vou pensar em satisfazer o mais urgente, e acudir ao seu pedido.

Era então diretor da *Revista Moderna* o brasileiro M. Botelho, seu administrador era o Sr. Godefroy e conforme dados disponíveis no site da biblioteca[19] nacional de Portugal a mesma era orientada por Eça de Queirós e no período de dois anos de circulação não há publicação de Machado de Assis no periódico quinzenal que circulava na época, apesar da promessa feita ao seu interlocutor.

Em carta posterior, enviada pelo administrador da *Revista Moderna*, Sr. Godefroy, em viagem ao Brasil, Magalhães de Azeredo (1969, p. 127-128), de Paris, em 11/11/97, pede a Machado de Assis que o ajude na propaganda da revista e mais adiante afirma:

> No proximo fasciculo começara a publicação da *ilustre casa de Ramires*, que vae sem duvida trazer grande brilho e não menor proveito ao periodico. Realmente a boa vontade e o zelo do Director, auxiliado pelos collaboradores, não se podem negar;

---

[19] Disponível em: [http://purl.pt/93/1/biobibliografia/1888-1900longo.html], acesso em 03/jan/2009.

> e para mim a *Revista* a cada numero se torna mais interessante.

E assim, Machado de Assis vai tomando conhecimento dos fatos antes mesmo que eles sejam publicados na Europa e vai sabendo o que Eça de Queirós vai publicando todo o tempo.

Em um trecho mais adiante na mesma carta, Azeredo (1969, p. 128) diz:

> O Domicio da Gama, que vejo aqui [Paris] com frequencia, e que é um fino espirito e muito seu admirador, me pede que lhe transmita muitas lembranças, e Eça de Queiroz me encarrega de mandar-lhe *um grande abraço espiritual;* não imagina que sympahia e que enthusiastico apreço elle manifesta a seu respeito.

Eça de Queirós, realmente, parece demonstrar apreço por Machado e ao mesmo tempo se faz um complô de amigos comuns para que ambos produzam no mesmo espaço, que seria, neste momento da correspondência, na *Revista Moderna*. Entretanto, o apreço, depois da crítica a *O Primo Basílio* parece ser mútuo e em resposta a carta de Azeredo, Machado de Assis (1969, p. 131), em carta do Rio de Janeiro, em 7/12/1897, retribui as recomendações de Domicio e o abraço de Eça.

> Agradeço e retribuo as recomendações do Domicio da Gama; assim tambem *o abraço espiritual* do Eça de Queiroz, cujo grande talento tem aqui a admiração de todos, novos e velhos.

Partindo do pressuposto de que o próprio Machado de Assis inúmeras vezes se intitula de velho, ele também seria além de leitor, um admirador de Eça de Queirós. Que era leitor do escritor português é indiscutível, tanto é que é componente da sua biblioteca particular e atualmente depositada na Academia Brasileira de Letras a obra

queirosiana denominada *A Correspondência de Fradique Mendes*, como pode ser conferido em Glória Vianna (apud Jobim, 2001, p. 178).

Na época em que na *Revista Moderna* começa a circular *A Ilustre Casa de Ramires*, Machado de Assis (1969, p. 137), em carta do Rio de Janeiro, 2/2/1898, volta a dar notícias e também a sua impressão sobre a obra de Eça de Queirós, denotando continuar lendo o que é produzido pelo escritor português:

> Começamos aqui a ler a *Illustre Casa de Ramires*, que promette ser um (academicamente falando) um novo florão para o nosso Eça de Queiroz. A arte com que está posta, desenhada e pintada a principal figura é realmente admirável, e não é preciso falar particularmente da lingua e do estylo, que fazem parte della. A *Revista Moderna* tem se pouco a pouco imposto, e merece recompensa do esforço, que é grande.

Não é apenas da produção literária ou jornalística de Eça de Queirós que Machado de Assis tem notícia. Ele vai sabendo pouco a pouco tudo que acontece na vida do escritor português e fica conhecedor até mesmo dos períodos de doença, conforme carta de Azeredo datada de Paris, 10/11/98, (1969, p. 141):

> O nosso Eça de Queiroz tambem andou doente de influenza, e soffreu bastante embora sem estar grave; mas no seu organismo já enfermiço essas indisposições produzem grande abalo. Tenho-o visto com muita frequencia, creio que vae passar uns dias no Sul, em mais doce clima.

E mais adiante se encontra o relato do conhecimento por parte de Machado de Assis de uma carta escrita por Magalhães de Azeredo a Eça de Queirós por ocasião da publicação de *Ode a Portugal* no centenário das Índias e sobre a missiva, o mestre brasileiro afirma servir de prefácio à escrita de Magalhães.

Machado de Assis (1969, p. 155), em carta do Rio de Janeiro, 9/9/1898:

> Também recebi a edição especial da bella *Ode a Portugal* com a Carta a Eça de Queiroz, que serve de prefacio. Já lhe fallei da *Ode;* a carta não está só bem escripta, mas encerra vistas largas e verdadeiras. O seu caso é um dos melhores da nossa mocidade; domina o verso e a prosa, o seu estylo vae-se robustecendo (como na *Carta* ao Eça, por exemplo) e tem ja, sem desmerecer as verduras proprias da estação a nota de um escriptor maduro.

Azeredo (1969, p. 157): "Vejo que recebeu o exemplar, ainda por brochar, das *Procellarias*, e o da edição especial de *Ode a Portugal*; como já sabe, não pude ler a carta em que d'esta me fallava." E assim termina o diálogo acerca de Eça de Queirós entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo.

Mas esse diálogo não termina assim, porque outros missivistas também vão dando conta dessa relação entre Machado de Assis e Eça de Queirós, expondo que, apesar do suposto atrito inicial provocado pela imprensa, não parecia haver ressentimentos entre o escritor de *O Primo Basílio* e Machado de Assis, tendo na verdade sido construído um excelso respeito mútuo entre esse dois grandes representantes da Literatura de Língua Portuguesa que marcou a época em que viveram.

Uma carta muito interessante e que não teve nenhum ajuizamento nas obras até aqui citadas, é a do interlocutor Luís Guimarães Jr.[20], dos mais arrojados missivistas que se corresponderam com Machado de Assis, foi o único a referir-se diretamente a crítica machadiana publicada na *Gazeta de Notícias* a *O Primo Basílio*. Esse manuscrito ainda inédito é datado de Roma, em 24 de junho de 1878:

---

[20] Manuscrito autógrafo da ABL, em péssimo estado para leitura.

> Quanto a tua crítica ao livro do Eça de Queiroz, só tenho que te dizer [...] é que te beijo de todo meu coração e com um glorioso enthusiasmo.
> É pena que um talento do [tipo] do de Eça de Queiroz se [filiasse] a uma escola [hostil] como um [assunto] e asquerosa como uma taberna. Os [astros] fazem brilhar as suas jóias si um di [avessa] elle prefere atiral-as a granel dentro do lodo [...]

Dessa época, é Luís Guimarães Jr. o único correspondente, selecionado nesse corpus da pesquisa, a abordar diretamente o assunto da crítica machadiana, e não apenas abordar o assunto diretamente, mas a posicionar-se concordando com Machado de Assis.

É exatamente nesse mês que recebeu a carta de Guimarães Jr. que a crônica, já citada, sobre Eça de Queirós é escrita.

H. Chaves um dos contendores de Machado de Assis naquele abril e julho de 1878, é o mesmo a receber correspondência do autor de *Brás Cubas*, 22 anos depois, por ocasião da morte de Eça, em carta datada de 23 de agosto de 1900:

> Meu caro H. Chaves. — Que hei de dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais valido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração, e, finalmente, da flor da nova. Tal que começou pela estranheza acabou pela admiração. Os mesmos que ele haverá ferido, quando exercia a crítica direta e cotidiana, perdoaram-lhe o mal da dor pelo mel da língua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a força que as uniu umas e outras, como só as une a grande arte. A arte existia, a língua existia, nem podíamos os dois povos, sem elas, guardar o patrimônio de Vieira e de Camões; mas cada passo do século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas.
> A antigüidade consolava-se dos que morriam cedo considerando que era a sorte daqueles a quem os deuses amavam. Quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam de entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever à terra que os ouviu e admirou. Onde ela é

> sem compensação é no ponto da vida em que o engenho subido ao grau sumo, como aquele de Eça de Queirós, — e como o nosso querido Ferreira de Araújo, que ainda ontem fomos levar ao cemitério, — tem ainda muito que dar e perfazer. Em plena força da idade, o mal os toma e lhes tira da mão a pena que trabalha e evoca, pinta, canta, faz todos os ofícios da criação espiritual. Por mais esperado que fosse esse óbito, veio como repentino. Domício da Gama, ao transmitir-me há poucos meses um abraço de Eça, já o cria agonizante. Não sei se chegou a tempo de lhe dar o meu. Nem ele, nem Eduardo Prado, seus amigos, terão visto apagar-se de todo aquele rijo e fino espírito, mas um e outro devem contá-lo aos que deste lado falam a mesma língua, admiram os mesmos livros e estimavam o mesmo homem.[21]

E essa conversa silenciosa não pára, vai está presente com outros missivistas, como é o caso de Rodrigo Octávio para quem Machado de Assis (1938, p. 420), em carta datada de 25 de agosto de 1900, dá notícia de um convite da Faculdade Livre de Direito para uma sessão em honra de Eça de Queirós por ocasião de sua morte.

> Meu caro Rodrigo Octavio. – Hontem procurou-me uma commissão de estudantes da Faculdade Livre de Direito para entregar-me a inclusa carta de convite. Trata-se da sessão em honra de Eça de Queiroz. Desejam que a Academia compareça, e que designe alguem que fale em nome della. A minha resposta foi que iria ver o que podiamos fazer, sem advertir muito que já hontem era sexta-feira e a cerimonia é segunda proxima. Se quer incumbir-se de dizer algumas palavras, peço-lhe o favor de avisar-me, porque elles desejam saber de ante-mão o nome do orador.

E diferente do que muitos têm afirmado, a carta a H. Chaves não encerra o diálogo de Machado com Eça, porque mais uma vez volta Machado de Assis a falar em Eça de Queirós em 1901, a propósito da morte de Eduardo Prado:

> Conta-se que ele chorou, quando morreu Eça de Queiroz. Agora, que ambos são mortos, alguém que imaginasse e escrevesse o encontro das duas

---

[21] Carta a Henrique Chaves. Publicada na *Gazeta de Notícias*, em 24/08/1900.

> sombras, à maneira de Luciano, daria uma curiosa página de psicologia. As confabulações de tais espíritos são dignas de memória. Sterne escreveu que "um dia, conversando com Voltaire..." e imagina-se o que diriam eles. Imagina-se o que diriam, todas as noites, Stendhal e Byron, passeando no solitário *foyer* do teatro Scala. Quando Montaigne ouvia as histórias que Amyot lhe ia contar, podemos ver a delícia de ambos e admitir que as visitas continuam no outro mundo. Assim se podia dizer do Eça e do Eduardo, por um texto que exprimisse o talento, o amor das coisas finas e belas, e, enfim, a grande simpatia que um inspirava ao outro.

A última notícia que se encontra na *Correspondência*, sobre Eça está na carta de Nabuco que se sente à vontade para, neste exemplo, solicitar documentos sobre Eça, em carta datada de Londres, 26 de janeiro de 1902.

Nabuco (2003, p. 112):

> Estou às suas ordens para escrever a resposta ao discurso do Arinos, com algumas condições, porém. A primeira é que V. me dará tempo. A segunda que o Arinos me mandará o que o Eduardo escreveu; tenho tudo isso nos meus papéis e caixões, mas fora de mão. Não preciso da coleção do *Comércio de S. Paulo*, mas os *Fastos*, a *Ilusão*, *Anchieta*, as *Viagens* (mesmo a título de empréstimo), e o que mais notável tenham publicado os jornais dele, o artigo sobre o Eça, por exemplo, conviria mandarem-me daí.

E muito tem sido discutido no correr dos anos quando o assunto em questão é Machado de Assis ou Eça de Queirós e mais polêmicas foram sendo geradas, depois daquela ocasionada pelos protagonistas em questão, tais como indagações do tipo: *Eça, discípulo de Machado?* Postulada pelo escritor Alberto Machado Rosa e, ainda outra questão, *Machado, discípulo de Eça?* Colocada por João Pacheco, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 5 de junho de 1965, contrapondo-se a proposta exposta pelos escritos antes citados.

A proposta aqui não é saber quem é o discípulo de quem, porque se acredita que Machado de Assis foi leitor de Eça de

Queirós e vice-versa e, diga-se de passagem, numa época em que o leitor não tinha a importância que tem hoje, o nosso Mestre foi o leitor dos sonhos de Eça.

Assim, conforme assinala Pacheco (1965):

> Evidentemente não vou tomar parte na controvérsia acerca da influencia de Machado de Assis sobre Eça de Queiroz; me escapa autoridade para o assunto, já em mãos do crítico João Gaspar Simões ou do professor Machado da Rosa. Em todo o caso, sempre digo que, se influencia parece ter havido, não terá sido tanta a ponto de transformar o lusitano em discipulo do brasileiro, como se inclinam a aceitar ambos os escritores acima citados, apenas discordes – pelo menos até onde estou informado - quanto á prioridade da descoberta.
> Discipulo me cheira a muito. Porque a concepção de "Os Maias" em que vêem o reflexo de Machado e que teria infletido a arte eciana para novos rumos, ainda é naturalista. Nessa concepção, como se sabe, o racional subordina-se necessariamente ao instinto, o moral ao racional, o espírito á carne.

Como não se deseja aqui discutir a supremacia de um escritor sobre o outro, porque se acredita na relevância que ambos tiverem, na época em que viveram, mas busca-se trazer à tona dados que possam ir esclarecendo no decorrer dos tempos questões que muitas vezes vão ficando obscuras.

Latente, nesse diálogo silencioso é que um foi leitor do outro e que mesmo na abstenção dialógica fica exposto o respeito entre ambos.

Muito se fala de *O Primo Basílio*, mas muito se esquece do contexto da produção dos autores e cada um deles, ao seu próprio modo, foi-se pondo e expondo a forma de pensar de uma determinada época. Dessa forma, foram sendo criados pontos de intersecção a respeito de determinados temas.

Cada qual com seu estilo mantinham esse diálogo silencioso entre as suas publicações. Como coloca Raimundo Magalhães Júnior (s/a, p. 273) no capítulo *O nativismo de Machado de Assis* e fazendo referência ao conto *A parasita azul* de Machado de Assis:

> Aliás, bem considerada, a trama dessa narrativa [*A parasita azul*] tem pontos de contacto com "A cidade e as serras" tantas vezes apresentada como documento do puro amor de Eça de Queiroz à sua terra natal. Camilo Seabra, o herói de "A parasita azul", como Jacinto de Tormes também adorava Paris, [...]

O ponto de contato entre essas duas personagens consistiria que depois de viagens por onde foi possível viajar, reatam "o fio de sua antiga existência"[22], retornando ao lar. *A parasita azul* data em livro de 1873, *A cidade e as serras* foi publicada em 1901.

Certamente, existem outros pontos de convergência na obra dos dois escritores que são contemporâneos e pagaram tributo, de alguma forma, a acontecimentos literários, históricos, políticos, sociais e culturais.

É exemplo desse tributo um paralelo entre a obra dos dois escritores e que talvez mereça ainda observações, a questão da França com o Sião, assunto abordado por ambos e que foi notícia nos jornais da época.

Machado de Assis escreveu *As academias de Sião* datado de 1884 e Eça de Queirós em publicação póstuma também escreveu sobre o assunto na obra *Echos de Paris*, em um capítulo intitulado *A França e o Sião* abordando um tema que era assunto recorrente nos jornais da época.

Que a obra dos dois escritores dialoga, é certo, mas também é certo que cada qual apresentava estilo particular, estilo que não faz parte apenas de um tempo, como afirmou Machado de Assis na epígrafe deste capítulo, mas que também é próprio de cada homem, de cada escritor.

É relevante esclarecer ainda que em virtude das muitas cartas ainda inéditas de Machado de Assis, da correspondência ativa e passiva, com interlocutores distintos, ainda pode ser

---

[22] MAGALHÃES JR., s/a, p. 274.

possível encontrar mais dados que complementem este capítulo.

4 NA CONTRAMÃO DA *BIBLIOTECA DE MACHADO DE ASSIS* - OBRAS NÃO CATALOGADAS

> Eu gosto de ver impressas as notícias particulares, é bom uso, faz da vida de cada um ocupação de todos. Já as tenho visto assim, e não só impressas, mas até gravadas. Tempo há de vir em que a fotografia entrará no quarto dos moribundos para lhes fixar os últimos instantes; e se ocorrer maior intimidade entrará também.
>
> Machado de Assis (In: *Memorial de Aires*)

Duas leituras deram como conseqüência a elaboração deste capítulo. Uma delas é a correspondência machadiana com seus interlocutores; a outra é a obra *A Biblioteca de Machado de Assis*, livro organizado por José Luís Jobim e publicado pela Academia Brasileira de Letras – Topbooks em 2001.

A partir dessas duas leituras percebeu-se que em muitas cartas era possível saber o que Machado de Assis recebia de presente dos seus amigos e interlocutores e dentre esses objetos é possível identificar o recebimento de jornais, recortes, fotos e, principalmente, muitos livros, inclusive alguns que não fazem parte do espólio machadiano catalogado na biblioteca do escritor, o que também é posto por Jean-Michel Massa (apud Jobim, 2001, p. 26):

> Alguns autores ofereciam suas obras a Machado de Assis: Antônio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho, Júlio de Castilho, Valentim Magalhães, J. M. Pereira da Silva, etc. O Presidente da Academia de Letras devia receber mais livros de literatura quotidiana do que os que se encontram em sua biblioteca.

Como ainda existem muitas cartas inéditas não é possível declarar tudo que não está no catálogo, mas a partir de algumas dessas cartas, inéditas ou não, é possível catalogar e buscar o possível destino de algumas dessas obras, identificar alguns dos livros que estão desaparecidos, ou ainda esclarecer

aspectos referentes ao tipo de aquisição da obra por Machado de Assis.

Será avaliada neste capítulo a correspondência publicada, de Machado de Assis com Joaquim Nabuco (edição de 2003), com Mario de Alencar e outros (edição de 1946), com Magalhães de Azeredo (edição de 1969), a correspondência publicada por Rouanet, edição de 2008, a correspondência com outros de edições diferentes e, ainda alguns manuscritos inéditos consultados na Academia Brasileira de Letras.

Como afirmou Massa (apud Jobim, 2001, p. 23):

> Infelizmente esta biblioteca está incompleta, já que por duas vezes foi amputada. Uma parte que devia contar cerca de duzentos volumes, foi doada no dia seguinte à morte do autor e, até o momento, não foi possível reencontrá-la. Por outro lado, durante a última guerra, os livros em brochura dessa biblioteca, guardados em uma garagem durante a ausência dos herdeiros, se deterioraram e foram destruídos sem que fosse feito um levantamento.

Em virtude dessa afirmação, pareceu importante listar outros livros que fizeram parte dessa biblioteca, a partir das informações encontradas na escrita epistolar machadiana com seus interlocutores.

Os dados atualizados da biblioteca de Machado de Assis, conforme Glória Vianna (apud Jobim, 2001, p. 119), são os seguintes:

> O que restou da biblioteca particular de Machado de Assis encontra-se, atualmente, sob a guarda da Academia Brasileira de Letras. Os livros estão enumerados de 1 a 718, sendo que se repetem os números 47, 83, 140, 150, 167, 205, 219, 157, 277, 381, 401, 420, 464, 477, 526, 532, 692 e 709; o que nos permite totalizar 736 volumes. Entretanto, desses 736 volumes 77 não foram encontrados, o que nos fornece um resultado parcial de 659 obras; pois, esse montante foi acrescido de 15 exemplares, incorporados ao acervo durante nossas pesquisas, conforme relatamos anteriormente. Portanto, numericamente falando podemos afirmar que a

> Biblioteca de Machado de Assis atualmente é composta de 674 volumes.

Com base nessas informações, foi constatado através da leitura da correspondência do escritor das *Memórias Póstumas* que não constam do catálogo da Biblioteca de Machado de Assis muitos volumes.

Vianna (apud Jobim, 2001, p. 105) diz:

> E havia ainda a se considerar o depoimento de Laura (Leitão de Carvalho) a Jean-Michel Massa, no qual afirmara que teriam levado cerca de trezentos volumes da coleção logo depois da morte do escritor, o que nos conduzia a supor que os quinze volumes encontrados no acervo da ABL, todos dedicados a Machado de Assis, sem que tivessem sido catalogados por Massa, fizessem parte do tal lote de livros.

Além do problema para catalogar a *Biblioteca de Machado de Assis*, em virtude do lote de livros retirados da casa do escritor pouco tempo pós-morte, ainda havia a dúvida sobre os volumes carimbados com o nome do esposo da herdeira do escritor de *Dom Casmurro*.

Vianna (apud Jobim, 2001, p. 105) verificou que:

> Ademais, o fato de verificarmos que 89 volumes da Biblioteca de Machado haviam sido carimbados com o nome E. Leitão de Carvalho, esposo da herdeira do escritor, gerou muita inquietação, pois tal observação poderia levar-nos a supor que a biblioteca fora enxertada com os livros do Sr. Leitão de Carvalho... Mas, curiosamente, dentre os 89 volumes nos quais encontramos o referido carimbo, 5 estavam dedicados a Machado de Assis.

Estando os livros carimbados com o nome do Sr. Leitão de Carvalho, mas tendo sido previamente dedicados a Machado de Assis e não tendo sido possível a Vianna encontrar nas atas da ABL dados comprobatórios da aquisição dos livros por essa instituição, talvez seja plausível esclarecer se tais volumes, através das correspondências do próprio e de terceiros,

atestam que alguns desses exemplares foram doados ao Presidente da Academia.

Quanto ao propósito de realizar a catalogação dos livros que estão desaparecidos, recorremos a Jobim (2001, p. 12) que diz da importância dessa biblioteca:

> O conhecimento do que restou do universo de obras da biblioteca de Machado de Assis nos permite saber, pelo menos parcialmente, quais os assuntos, quais os gêneros, quais os autores lidos por Machado, a partir dos quais/ com os quais/ contra os quais ele elaborou sua escrita.

Na tentativa de ampliar esse volume parcial da *Biblioteca de Machado de Assis*, percebemos que na correspondência inédita é possível encontrar em carta datada de Londres em 14 de março de 1902 que Graça Aranha[23] enviou um exemplar especial de *Chanaan* para Machado de Assis e o mesmo não consta do catálogo.

Sobre *Chanaan* de Graça Aranha, José Veríssimo (1938, p. 195), em carta de "9 de abril 902" diz:

> - Você deve ter recebido hoje o *Chanaan*, em edição especial, do nosso querido Aranha. Elle m'o annunciou em carta na qual me diz que dessa edição só mandou para cá 2 exemplares. Pede-me tambem que não divulguemos o livro antes delle ser aqui posto á venda, segundo pediu-lhe o editor.

Machado de Assis (1938, p 196) recebeu um dos dois únicos volumes da edição especial vinda para o Brasil, antes da publicação de *Chanaan*, leu e releu a obra, conforme afirma em resposta a José Verissimo em carta datada do "Rio, 21 de abril 1902":

> - Já recebi e já li *Chanaan;* é realmente um livro soberbo e uma estréa de mestre. Tem idéias, verdade e poesia; paira alto. Os caracteres são originaes e firmes, as descripções admiráveis. Em

[23] FONTE: ABL, Manuscrito autógrafo e ainda inédito.

> particular, - de viva voz, quero dizer, - fallaremos longamente.

Em carta de Machado de Assis[24] datada de novembro de 1903, encontramos o recebimento do *Código Civil* enviado por Rui Barbosa:

> Exmo Sr. Ruy Barbosa
> Li, com a pausa necessaria a tão largo, numeroso e profundo trabalho, a Réplica de V. Ex. às defesas de redação do Código Civil, da qual agradeço o exemplar que me mandou. [....] assim que, ambas as razões, a de gratidão, me levam a guardar este livro entre os que mais preso, para estudo de nossa língua e animação a mim próprio.

Assim, fica inscrita a segunda obra que não consta do catálogo da biblioteca machadiana e que também não estaria catalogada.

No ano de 1878, Machado de Assis recebeu cinco correspondências, de acordo com os arquivos da ABL, dessas cartas figura uma que nos dá notícia de outra obra não catalogada. Uma delas é a carta do Barão de Loreto[25] que enviou a Tese[26] para o concurso da cadeira de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Externato do Colégio Pedro II (1878) de presente para Machado de Assis.

Assim, Franklin Dória, em carta do Rio em 17 de novembro de 1878, escreve:

> Quero que seja V. um dos primeiros a receber a these que ha pouco apresentei para o Concurso á Cadeira que eu rejo interinamente, no e[x]ternato do Colégio Pedro II.
> Mando-lhe pois um exemplar deste meu insignificante trabalho, que lhe peço haja de acceitar como signal de affectuosa lembrança.

---

[24] FONTE: Casa de Rui Barbosa, com cópia na ABL, manuscrito inédito.
[25] FRANKLIN Américo de Menezes DÓRIA.
[26] Da Poesia, caracteres essenciais; diferença da prosa; qualidade de poeta.

Das três correspondências de Luís Guimarães Filho que a ABL tem nos seus arquivos, nenhuma delas está transcrita nas cartas publicadas até então. Em carta datada de "Montevidéo, 12/05/1902"[27] temos:

> As "Memórias posthumas de Braz Cubas,, estão publicadas em volume aqui em Montevidéo.
> Depois de sahirem em folhetim no jornal "La Razon,, o traductor resolveu dá-las á publicidade naquella fórma, para satisfazer o interesse despertado nos numerosos leitores do referido jornal.
> Envio-lhe por este correio um exemplar que Julio Piquet me offereceu, e pergunto-lhe se deseja mais alguma cousa d'este seu m^to^ amigo e sincero admirador, Luís Guimarães.

A edição da *Correspondência* de Machado de Assis (1962, p. 381) traz uma carta datada do Rio, em 10 de julho de 1902, na qual o autor do *Dom Casmurro,* agradece a versão espanhola de Julio Piquet, das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

> Meu querido Luís Guimarães. – recebi a sua cartinha com as notícias que me dá, e o exemplar da tradução das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Agradeço-lhe muito e muito a diligência, e a lembrança em que me teve ainda de longe. Quando aqui falamos da publicação de Montevidéu, já aqui tinha o número de 21[28] de janeiro (ambas as edições), trazendo a da manhã, além do meu retrato, um artigo do Artur Barreiros, encabeçado por algumas palavras honrosas da redação, e seguido de notas biográficas. A tradução só agora a pude ler completamente, e digo-lhe que a achei tão fiel como elegante, merecendo Júlio Piquet ainda mais por isso os meus agradecimentos.

Desta forma, é através da doação de Luís Guimarães Filho, que Machado de Assis lê a versão espanhola da sua própria obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

---

[27] Manuscrito autógrafo, disponível na ABL.
[28] A edição: Machado de Assis, Obra Completa, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, traz a data 2 de janeiro, divergindo da edição aqui adotada.

Na correspondência de Machado de Assis, coordenada e orientada por Sergio Paulo Rouanet, publicada em 2008 e que traz um conjunto de 90 cartas dentre elas muitas que estavam ainda inéditas e outras já publicadas em edições anteriores, encontramos referência sobre doze obras, entretanto, Machado de Assis dá notícia de outras leituras, sem podermos indicar se ele era proprietário ou não da obra.

A primeira obra é *Uma Cena contemporânea,* teatro de Luís Guimarães Jr., publicada em 1862, enviada pelo próprio ao Mestre da Literatura Brasileira e que não consta da Biblioteca de Machado de Assis. Em carta de Guimarães Jr. (In: Rouanet, 2008, p. 15-16), datada do "Rio de Janeiro, 30 de maio de 1862, temos:

> Agora falemos sobre a pequena composição francamente oferecida ao autor dos *Desencantos.* Acha-se no prelo e brevemente sairá à luz da crítica. Mais uma vez releve-me as faltas que encontrar numa *fantasia* de calouro, e olhe só para o prazer que senti ao findar a última linha dessa *Cena Contemporânea,* cuja salvaguarda todos que reconhecem o poeta, o jornalista, o escritor, saberão apreciar tanto, que a minha pobre concepção de minutos ficará ilesa talvez e colocar-se-á como que livre dos motejos da crítica.
> [...]
> E nada mais me resta dizer. Quando receber a *tentativa dramática* queira riscar-lhe os erros e animar-me pelas cores pálidas, que possam ser coligidas mais tarde para formar uma qualquer página de literatura, não desprezada pelos verdadeiros representantes da literatura contemporânea.

Em Rouanet (2008), não há carta de Machado de Assis respondendo a Luís Guimarães, mas uma nota de fim de página que traz um comentário publicado em 1863 e que comenta a composição dramática do seu correspondente.

Joaquim Serra (In Rouanet, 2008, p. 82-83), em carta datada da "Paraíba, 14 de fevereiro de 1865" envia o livro *Mosaico* a Machado de Assis.

> Antes de ler esse livro, repare bem para a dedicatória da segunda página. [...] Hoje, que tinhas de mandar correr terras um pobre pagãozinho, que chamo meu filho, antes de lançá-lo fora dos muros paternos, levei-o à pia batismal, convidando para seu padrinho aquele, a quem eu devi a animação para a viagem. Aí tem o seu afilhado; defenda o pobrezinho, que por si só nada vale.

Conforme nota de Sílvia Eleutério (In Rouanet: 2008, p. 83) o livro é *Mosaico* que foi comentado por Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro* de 01/03/1865:

> Guardamos para a última coluna a notícia de um livrinho de versos que acabamos de receber da Paraíba do Norte. Tem por título *Mosaico*, e por autor Joaquim Serra, jovem maranhense, de cujo talento já temos apresentado aos leitores irrecusáveis provas.

O terceiro livro seria *Saudades*, do escritor português José Luís Vieira de Sá Júnior, doado a Machado de Assis pelo seu futuro cunhado, Faustino Xavier de Novais (In Rouanet: 2008, p. 83), de acordo com a correspondência datada do "Rio de Janeiro, 17 de fevereiro [de 1865]":

> Aí vai um livro de versos. Lê-lo, e fala dele no *Diário*. Não te peço que dês sopapos na consciência; rogo-te só que tenhas em lembrança que o poeta Sá é íntimo e antigo amigo do
> Teu do Coração
> F. X. de Novais.

Em nota de Irene Moutinho (In Rouanet: 2008, p. 84) sobre o livro e o poeta, temos o seguinte esclarecimento:

> O livro deve ser *Saudades* (1863) do advogado e poeta **José Luís Vieira de Sá Júnior** (1829-1871) que colaborara em *O Bardo*, jornal de poesias fundado por Faustino e que circulara em Portugal entre 1852 e 1855. Magalhães Jr. (1981), indagando "quem seria este obscuro Sá", propôs o nome do poeta e teatrólogo português Carlos Augusto de Sá, nascido em 1827, e radicado no Brasil, autor do poema herói-cômico satírico *A Chapeleida* (1857), dividido em "oito encapelações". Embora esta obra se aproxime da veia literária do missivista, sua

> publicação, em 1857, e o sucesso que logo obteve não justificam o tardio pedido de um comentário.

Duas outras obras das quais se encontra referência em Rouanet (2008) são do escritor português Francisco Gomes de Amorim, que inclusive chegou a viver no Brasil quando criança, do qual Machado de Assis comentou *Cantos Matutinos*, na *Semana Literária*, em 29/05/1866, ou seja, apenas oito anos depois ter sido publicado.

Conforme nota de Irene Moutinho. Amorin (In Rouanet: 2008, p. 147-148), escreve para agradecer a Machado:

> Constando-me que *Vossa Senhoria* tivera a extrema bondade de escrever um artigo no *Diário do Rio de Janeiro*, acerca do 1° tomo dos meus *Versos*, não quero nem devo demorar o testemunho do meu reconhecimento. Ainda não li o artigo com que me honrou, porquanto se desencaminhou o jornal que daí me remeteram; mas seja qual for a sua opinião respeito-a profundamente, porque sei que alia a um grande talento uma probidade literária sem mácula. [...]
> Por intervenção do meu o *Senhor Francisco Paz, morador na Rua Direita* número 91 – 1º andar, será enviado a *Vossa Senhoria* um exemplar do 1° e 2º tomos, que lhe peço que aceite como pequeníssima demonstração da minha afetuosa simpatia [...]

De acordo com as referências de Irene Moutinho (In Rouanet: 2008, p. 148), as obras são respectivamente, *Cantos Matutinos* e *Efêmeros*.

Sobre Gomes de Amorim, escreve Miguel de Novaes[29] a Machado de Assis:

> Tenho visitado o Gomes d'Amorim que é meu velho amigo – queixa-se amargamente do Machado de Assis e eu penso que com alguma rasão. – procurei desculpa-lo mas naturalmente succedeu-me o que succede a todos que tentam defender uma má causa. Elle, tendo-o em muita consideração como homem de letras dis ter lhe mandado os seus livros sendo o ultimo, o primeiro da biografia de Garret[30]. – e o

---

[29] Manuscrito autógrafo da ABL sem indicação de data e lugar.
[30] O livro seria *Memórias Biográficas de Garret.*

> amigo nem lhe accusa a recepção dos livros; é isso que o magôa.

É importante observar que consta no catálogo da Biblioteca de Machado de Assis, em Vianna (apud Jobim, 2001, p. 179), a catalogação da obra *O amor da pátria*, de Francisco Gomes de Amorim, anotada com o número 163. Totalizando quatro obras de Gomes de Amorim enviadas pelo próprio a Machado de Assis o que consiste em boa parte da produção do escritor luso.

Montello (1986, p. 61) transcreve uma carta de Gomes de Amorim a Machado de Assis:

> "Gastei perto de mil libras esterlinas, na edição dos três volumes, num país onde quase se não lêem já senão maus jornais e maus livros franceses! Contava com o auxílio do Rio de Janeiro, mas fui absolutamente infeliz; tendo mandado quinhentos exemplares do tomo 1º. ao conde de S. S. Matosinhos, este não fez caso deles, e fui obrigado a retirá-los, ao cabo de 4 anos, perdendo perto de 300 exemplares entre estragados e extraviados! 300 coleções truncadas! Não tive aí quem erguesse a voz, na imprensa, chamando a atenção para o meu trabalho, e o resultado foi tristíssimo. – Rogo-lhe, meu excelente amigo, que leia pacientemente o meu trabalho, e que honre o autor e a obra com alguns artigos de sua esclarecida crítica. Pode ser que com isso me ajude a vender por aí alguns exemplares, com que contribuirá para me salvar do naufrágio econômico".

Montello (1986, p. 61) afirma ainda que:

> Machado de Assis não se demorou na resposta. Logo a seguir, escreveu o artigo. E é possível que, com a autoridade da sua palavra, tenha conseguido aliviar o encalhe do confrade português.

E Montello (1986) indo mais adiante diz que Gomes de Amorin teria enviado os três tomos das *Memórias Biográficas de Garret* e que diferente da reclamação de Miguel de Novaes, Machado teria atendido de imediato ao pedido, conforme citação acima transcrita.

Em carta de Machado de Assis a Quintino Bocaiúva que estava em *New York*, datada do Rio de Janeiro, em 29 de outubro de 1866 (In Rouanet: 2008, p. 171), o autor d'*Os Deuses de Casaca*, pede a Quintino obras de Longfellow e de Tom Taylor.

> Se tiveres tempo, escreve também as tuas impressões do país nas cartas que me mandares, e não te esqueças do *Our american cousin* e das poesias de Longfellow, se houver. Daqui irá aquilo que se publicar de notável, e de interesse.

Em carta de Machado (In Rouanet: 2008, p. 203), datada de 24 de dezembro do mesmo ano, ele discretamente reitera o pedido, mas desta vez, pede apenas Longfellow: "Espero o Longfellow, se puderes arranjá-lo. Aqui continuo às tuas ordens para o que quiseres."

Em nota de Sílvia Eleutério (In Rouanet: 2008, p. 174), tem-se a seguinte explicação para o pedido de Machado de Assis:

> Magalhães Jr. (1981) atribui o interesse pela comédia de Tom Taylor, autor inglês em voga nos Estados Unidos, e por Longfellow aos sentimentos abolicionistas de Machado de Assis.

É importante assinalar que constam no catálogo da Biblioteca de Machado de Assis cinco obras de Longfellow, destas sendo quatro volumes da *The poetical works*, enumerados no catálogo de 408 a 411, com o título identificado como sendo do idioma inglês, mas sem indicar a forma de aquisição. Também consta com o número 412, de Longfellow, *Poemas da Escravidão: [Evangelina: o canto de Hiawatha]*, traduzido para o português por Américo Lobo. Possivelmente, algumas dessas obras podem ter sido doadas a Machado de Assis por Quintino Bocaiúva, atendendo ao reiterado pedido do Mestre da Literatura Brasileira.

Quanto ao *Our american cousin* de Tom Taylor, não há como confirmar se Quintino o enviou a Machado ou não. O que se pode afirmar, em anuência com Vianna (apud Jobim, 2001, p. 129 a 141) é que não há na "*Obra Completa de Machado de Assis* da Editora Aguilar, 1997", nenhuma citação direta sobre o autor Tom Taylor ou sobre a obra *Our american cousin*.

Nuno Álvares Pereira e Sousa (In Rouanet: 2008, p. 204), em carta do "[Rio de Janeiro], [...] de [...] de [1864 a 1866]", pede a Machado de Assis o favor de publicar um artigo proveniente do Rio Grande do Sul, no *Diário* e junto com o mesmo lhe envia um livro:

> Aproveito este ensejo para oferecer-lhe o 6º volume da Biblioteca literária publicada na minha província; e peço que seja bastante indulgente para com ele, senão por mim, ao menos pelo Serra que não se esqueceu do seu nome tratando da forma e delicadeza do estilo dramático.

Na sequência das obras localizadas é o próprio Serra (Joaquim Serra) quem envia do Maranhão, em 30 de março de 1867 (In Rouanet: 2008, p. 213), outro livro para Machado de Assis.

> Aí vai um vomitório, que por força te fará lançar... Acompanha esta um livro que tem por título "*Um coração de mulher, poema-romance* por Joaquim Serra."
> Reveste-te de toda aquela indulgência, que guardas para as ocasiões de grande jubileu, e lê o meu livro.

Constatando-se, assim, mais uma obra não catalogada da *Biblioteca de Machado de Assis*. Em 2 de janeiro do ano seguinte, o mesmo Joaquim Serra (In Rouanet: 2008, p. 220), envia mais duas obra para Machado:

> Pelo correio receberás a *Eloá*, traduzida pelo Gentil. O trabalho está muito mimoso e digno de apreço. Aprecia-o.

> Estão impressas as poesias do Franco Sá, nome que deve ser para ti muito familiar.
> Remeto-te o seu volume, para que ainda uma vez lamentes a morte de tão talentoso morto.

Em nota, Sílvia Eleutéria (In Rouanet: 2008, p. 222), esclarece: "*Eloá, a Irmã dos Anjos* (1824), do poeta francês Alfred de Vigny (1797-1863) foi traduzido por Gentil Braga com o nome de *Eloá, Mistério* e publicado por Belarmino Matos, em 1867, São Luís."

Quanto ao livro de poesias de Franco de Sá, a referência é feita a única obra publicada postumamente desse escritor, que denomina-se *Sertanejas* que também teria sido enviada a Machado de Assis.

Franco de Sá aparece na *História da Literatura Brasileira* de José Veríssimo, fazendo parte do chamado "Grupo Maranhense" e de quem Veríssimo (s/a, p. 120) diz:

> Franco de Sá (Antônio Joaquim, 1836-1856). É poeta de grande sensibilidade e sinceridade de emoção e rara facilidade e singeleza de expressão, qualidades que a morte, colhendo-o aos vinte anos, lhe não deu tempo de cultivar.

Também pode ser constatado que Joaquim Serra enviava a Machado de Assis o *Semanário Maranhense* que conforme nota de Sílvia Eleutério (In Rouanet: 2008, p. 221):

> Fundada por Serra, essa revista literária circulou de 01/09/1867 a 08/09/1868; nela escreveram Joaquim Sousa de Andrade (o poeta Sousândrade), Marques Rodrigues, César Augusto Marques, Pedro Nunes Leal, Nuno Álvares Pereira e Sousa, Antônio Henrique Leal, Gentil Braga, Francisco Leite Bitencourt Sampaio, Teófilo Dias e Francisco Sotero dos Reis.

De acordo com Joaquim Serra (In Rouanet: 2008, p. 219), em correspondência endereçada a Machado de Assim, datada do Maranhão em 2 de janeiro de 1868, encontramos:

> O amigo e irmão de letras nunca saiu-me da lembrança, mas a preguiça, também nunca saiu-me do costado. E dizes-me que não tenho te remetido o *Semanário Maranhense*?
> Dei ordem à tipografia, desde a saída do 1.º número, para que fossem enviados todos os números à redação do *Diário Oficial*. É possível que a tipografia me tenha enganado, ou o correio ter-te-á pregado o logro?
> Para sanar o mal, deste vapor em diante, além dos números enviados ao *Diário*, irão outros dirigidos a ti.

No diálogo com Faustino Xavier de Novais (In Rouanet: 2008, p. 242 e 247), Machado voltar a receber outra obra enviada pelo futuro cunhado, em carta datada do "Rio de Janeiro, [12 de] abril de 1868.

> É opinião do signatário do folhetim, que não é obrigado a seguir em tudo os pensamentos alheios.
> No mesmo caso estou eu, e é por isso que enviando-te um exemplar do *Riachuelo*, vou prevenir-te sobre o valor do mimo, segundo o meu voto, que submeto à tua apreciação. [...]
> Lê o *Riachuelo*, analisa-o e não o poupes, na certeza de que os teus conselhos serão úteis.

Irene Moutinho (In Rouanet: 2008, p. 247) traz o seguinte esclarecimento sobre o autor e a obra:

> [...] Poema épico em cinco cantos, Luís José Pereira Silva (1837-1908) já era autor de *Os Desterrados* (1854, novelas) e do romance *Cenas do Interior*, que Machado comentara detidamente no *Diário do Rio de Janeiro* em 24/06/1865. [...] Observe-se que o nome do autor é sistematicamente referido como Luís José Pereira **da** Silva, embora Faustino o apresentasse como Pereira Silva desde os tempos do seu jornal *O Futuro*.

Em carta de Machado de Assis, datada de 21 abril de 1868, em resposta a Faustino, o Mestre das Letras Brasileiras vai informar a sua impressão do autor e da obra ao seu futuro cunhado.

Aqui se encerram as obras catalogadas na correspondência organizada por Rouanet (2008), entretanto, registre-se que é possível encontrar referências a vários

outros escritores e obras, além de jornais, no entanto, no caso dos autores e obras, não há como provar se Machado de Assis era proprietário delas ou não, todavia, pela segurança das informações que Machado de Assis passa sobre as obras, pode ser inferido que era leitor delas.

Na *Correspondência* trocada com José Verissimo, da edição de 1938, encontram-se referências a seis obras, sendo uma delas *Canaã*, de Graça Aranha e já citada em carta inédita do próprio Graça, além de citação que causa dúvida, sobre certo Wallon.

Em carta datada do Pará em 4 de março de 1883, José Verissimo (1946, p. 141) envia a primeira *Revista Amazônica* a Machado de Assis.

> Com esta receberá V. Ex. o primeiro n.° da *Revista Amazonica*, da qual sou Director. – É uma tentativa, talvez utopica, mas em todo o caso, bem intencionada. Não sei se terá mais, ou, pelo menos, tanta vida como a *Brasileira*.

Machado de Assis (1946, p. 142), em carta datada do "Rio, 19 abril 1883" escreve:

> Recebi a carta de V. Ex. e o 1.º numero da *Revista Amazonica*. Na carta manifesta o receio de que a tentativa não corresponda á intenção, e que a *Revista* não se possa fundar. Não importa; a simples tentativa é já uma honra para V. Ex., para os seus colaboradores e para a Provincia do Pará, que assim nos dá uma lição á Côrte.

Na sequência, Machado de Assis (1946, p. 168) em carta data do "Rio, 6-7-99" faz referência a Wallon: "Meu caro J. Verissimo. – Muito obrigada pela lembrança; é Wallon justamente." Como a palavra lembrança tem várias conotações, conforme define Houaiss (1982, p. 312): "Impressão, idéia de uma coisa, de uma pessoa ou de um fato que a memória conserva: recordação, reminiscência. A faculdade da memória. Presentes, mimo, brinde." Logo, não se pode inferir como

deseja a *Enciclopédia Livre*[31] (2009, s/p), que Machado de Assis está fazendo referência a uma citação, porque também poderia ter recebido um livro de presente, desse autor, entretanto, Vianna (apud Jobim, 2001, p. 189), não faz referência a nenhum Wallon na *Obra Completa* de Machado (1997, Aguilar).

Em carta de Verissimo (1946, p. 179-180), datada de "Nova Friburgo, 28 jan. 901" tem-se:

> Que me diz V. do livro do nosso confrade F..., de quem hontem, [27 de janeiro de 1901] no detestável *Sem rumo*[32], nos fallou o nosso Duarte? Que futilidade, que máo gosto, digamos, que tolice! E é isto, aqui entre nós, esta nossa pobre litteratura – e esse um dos mais afamados d'ella. Eu não direi do livro, porque nem o meio, nem as minhas boas relações com o amavel auctor me permittiriam a liberdade de dizer como penso, que é um livro *besta*, "com perdão da palavra", como dizemos. Como a dominante do N... é a puerilidade, assim a do F... é a futilidade. Elles se valem. – E o B... e as carnes verdes? Que horror, que miséria! Sinto, sinto deveras, porque ao cabo, o B... era uma esperança de todos os espíritos liberaes.

Em carta de Verissimo (1946, p. 186), datada de "Friburgo, 12 fev. 901" encontra-se:

> O que vem nos jornais é pouco interessante, a não ser, como symptomas, as discussões das carnes verdes, os intragaveis artigos do Fausto[33], e a chantage do phenomenal X... Mas fallemos baixo, que este homem ainda ha de ser ministro. estimei que o Heráclito, cujo acato, pense como eu do ineffavel livro do F... Quando ahi chegar, lhe darei um (tenho dous) para ler. Assombroso de bobice!

---

[31] **Henri-Alexandre Wallon** (23 de dezembro de 1812 a 13 de novembro de 1904) foi um historiador e político francês. Wallon aparece como referência em uma carta de Machado de Assis para José Veríssimo, datada de 6 de julho de 1899, onde Machado de Assis agradece a Veríssimo pela informação de que dada citação ou tema era de autoria ou dizia respeito a Wallon, demonstrando ter sido este escritor francês como muitos outros literatos contemporâneos franceses lido pelos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do XX. Fonte: NERY, Fernando. Correspondência de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1932, p. 112. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Henri-Alexandre_Wallon], acesso: em 30, maio, 2009.

[32] In nota (1946, p. 180) "Folhetim semanal de Urbano Duarte (J. Guerra) no *Jornal do Commercio"* que ajudou a elucidar sobre esta obra e a seguinte.

[33] Fausto Cardoso, deputado federal por Sergipe, conforme nota do editor (1946, p. 186).

Ao consultar o *Jornal do Commércio,* a coluna *Sem rumo* citada por Veríssimo, traz o comentário de Urbano Duarte em 20/01/1901 sobre *O anuário Fluminense,* para 1901, escrito pelos Senhores Ferreira da Rosa e Cardoso Junior.

A mesma coluna, em 27/01/1901, comenta a obra de Afonso Celso *Por que me ufano de meu país".* Também é possível esclarecer que a chantagem do fenomenal X referida na citação é uma referência ao Dr. Bernardo Veiga "supposto pelos writers-chanters do Paraná", conforme assinala a coluna *Sem rumo.*

Acreditando-se que o "F..." seja de Ferreira da Rosa, é provável que o livro seja *Annuario Fluminense – Almanaque histórico da cidade do Rio de Janeiro para 1901. Com analyse e rememoração do anno de 1900, secções de litteratura inédita e informações úteis.* Organizado sob a direção e responsabilidade de Ferreira da Rosa e Cardoso Junior.

Também é enviada por José Verissimo a Machado de Assis (1938, p. 213-214), em carta datada de "Nova-Friburgo, 11 fev. 1904.", uma obra que faz referência a François Coppée e que provavelmente é *Homens e coisas estrangeiras,* de acordo com as informações passadas na citação:

> Recebi o livro que me mandou. Já li o capítulo relativo a François Coppée, que é de chegar. Veja o que é conservar uma impressão antiga. Esta exclamação: "Genereux et cher vieillard!" causou-me espanto, por ter ainda na cabeça o rapaz de outro tempo e o retrato que acompanhava as suas edições.

Machado, através da citação, nos dá a entender que talvez seja uma obra de José Verissimo que faz referência a François Coppée, neste caso, *Homens e coisas estrangeiras,* que teve três volumes, publicados entre 1899 e 1908, que por sinal traz na capa a foto de Verissimo[34], além do que o

[34] Pode-se observar o livro à venda com a foto de Verissimo na seguinte página da Internet [http://www.planetanews.com/autor/JOSE%20VERISSIMO], acesso em abril de 2009.

capítulo *A França Intelectual* (Verissimo, 2003, p. 79 a 84) que se refere a François Coppée na página 81.

Em carta de Machado de Assis (1938, p. 218-219) datada do "Rio, 4 outubro 1904", ele afirma ter a obra *Estudos de Literatura* de José Verissimo:

> Estimo que o meu *Esaú e Jacób* lhe tenha produzido o effeito que me diz na carta. Se lhe pareceu que lá me teve a seu lado, em longa e interessante palestra, é porque estava também commigo, e bastou a supprir a presença do amigo velho. Tambem eu cá o tive com o seu ultimo volume dos *Estudos de Litteratura* (4.º série), publicados na mesma occasião. Já lhe conhecia as varias partes, entre ellas a que me diz respeito, e que ainda uma vez lhe agradeço cordialmente. Já de há muito estou acostumado á sua critica benevola, e mais que benévola.

E, finalmente, em carta datada do Rio, em 4 de fevereiro de 1905, José Veríssimo (1938, p. 220 - 221), devolve a Machado um livro que parece ter pego de empréstimo e o qual era de grande estima do escritor de *Memórias Póstumas,* por sua esposa Carolina tê-lo folheado antes de morrer em outubro de 1904.

> Hontem, depois que nos separamos, recebi o livro e a carta que V. me deixou no Garnier. Quando abri o pacote, vi o livro e li a carta, recebi naturalmente a impressão que me dão lettras suas, — maior desta vez pelo assumpto. Obrigado, meu amigo, pelas palavras de carinho e conforto que me mandou e pelo sentimento de piedade que o levou à devolução do livro. Foi certamente o ultimo volume que a minha companheira folheou e leu trechos, esperando fazel-o mais tarde, como aos outros que ella me viu escrever. Cá vae o volume para o pequeno movel onde guardo uma parte das lembranças della.

E assim ficam aqui catalogados os exemplares doados a Machado de Assis, na correspondência com José Verissimo na edição publicada em 1938.

Na *Correspondência* da edição de 1962, as cartas permutadas com Lúcio de Mendonça (1962, p. 305) indicam

que este doou ao primeiro presidente da ABL um livro, conforme pode ser observado, na missiva proveniente do:

> Alto de Teresópolis, 15 de março 1901.
> Querido Mestre. – Desde muitos dias, há um volume das *Horas do bom tempo* à sua espera na livraria Laemmert, e em grande tristeza, por não ser procurado.

Em carta do Rio, 2 de abril de 1901, Machado de Assis (1962, p. 305) agradece o exemplar:

> Meu querido Lúcio. Logo que recebi a sua carta, fui-me ao Laemmert, onde achei à minha espera o exemplar das *Horas do bom tempo*. Já o título trazia a frescura necessária aos meus invernos.

Machado (1962, p. 339-340) em carta datada do "Rio, 9 de fevereiro 1896. [aliás 1897]" agradece a Salvador de Mendonça o mimo feito com o envio de um livro:

> Deixa-me agradecer-te cordialmente o mimo que me fizeste com o livro "*A House Boat on the Styx*", obra realmente humorística e bem composta. Na dedicatória do exemplar lembras-te dos "Deuses de Casaca". *Les Dieux s'en vont*, meu querido.

Nas pesquisas de Vianna (apud Jobim, 2001) não constam nenhuma nota sobre a presença de citações d'*A House Boat on the Styx* ou sobre citações que apareça no nome de autor desta obra na produção machadiana.

Na obra *Correspondência* (2003), composta de cartas trocadas entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco é possível constatar a propriedade das obras que lhe foram presenteadas por seu interlocutor, dentre outros brindes que Nabuco lhe enviou.

Constam nessa obra a doação de Nabuco para Machado dos seguintes volumes: *Minha Formação; Discursos e Escritos*

Literários; Primeira Memória; Camões[35], um exemplar da *Washington Life*[36]. Machado agradece o exemplar do *Washington Post* e o trecho de Mrs. Wright a seu respeito.

Massa (2001) cita apenas três exemplares de Joaquim Nabuco na Biblioteca de Machado de Assis, catalogados com os números 201 e 202 que são *Um estadista do Império,* segundo e terceiro tomos, e *Minha Formação,* catalogado com o número 183. Ele também anota a obra *The New Brasil its ressources and attractions historical and industrial* de Marie Robson Wright como a obra de número 207 do seu catálogo, esta obra, segundo anotações do próprio Massa (apud Jobim, 2001, p. 53), apresenta as seguintes anotações:

> Ao Distinto Machado de Assis offerece Alfredo Wanda (?).
> 14 de 7bro de 901.
> Le nom de Machado est cité parmi les écrivains.
> Le président des Etats-Unis du Brésil était le Dr. Manoel Ferraz de Campos-Salles.

Vianna (apud Jobim, 2001, p. 189), ratifica as informações de Massa (2001) e retifica alguns dados sobre a obra de Wright:

> Massa coloca em seu catálogo sem **(**s/d**)**, mas a data da edição encontra-se na contracapa.
> Livro dedicado pela autora ao então Presid. Campos Salles.
> Com dedicatória a Machado de Assis "Ao Distinto Machado de Assis offerece Alfredo.. [ilegível] 14 de 7bro de 901"

Conforme Vianna (apud Jobim, 2001, p. 189), quanto ao título dessa obra o certo seria: WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brasil its resources and attractions historical,*

---

[35] Provavelmente a obra que está à disposição do leitor na Biblioteca Nacional Digital, disponível na página: [http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/camoes.pdf], constando de 15 páginas.
[36] Talvez a *Washington Life Magazine [http://washingtonlife.com/],* que assim como o Jornal *Washington Post* [http://www.washingtonpost.com/], hoje, possuem página na Internet.

descriptive and industrial. Philadelphia, George Barrie and son, 1901. Volume único, [s/ed.]

Consoante Massa e Vianna (2001), essas seriam as obras catalogadas na Biblioteca Machado de Assis, entretanto, Joaquim Nabuco e Machado de Assis dão notícias de que fizeram parte dessa biblioteca: *Discursos e Escritos Literários; Primeira Memória; Camões*; *Washington Life*.

Dados interessantes sobre a *Primeira Memória* de Joaquim Nabuco (2003, p. 114-115) estão postos em um "P.S." de uma carta datada de Pau, 14 de fevereiro de 1903:

> Proximamente os exemplares da minha *Primeira Memória* serão expedidos para o Ministério do Exterior. Irão primeiro os exemplares em francês e mais tarde os exemplares em português. Desejo que V. tenha um destes; a coleção dos documentos, cinco volumes, segue com os exemplares da *Memória* em francês (exceto para os colecionadores, como o Veríssimo e o Capistrano, eu julgo preferível ter-se somente a *Memória* em português). Além disso há um atlas. São ao todo oito volumes, formando, porém duplicata por causa da tradução. [...] Inscreva-se portanto para a *Memória* em português.

Em carta de Machado (2003, p.119) ele dá notícias a Nabuco de que seu nome está entre os contemplados e que nesta semana irá receber as *Memórias*, assim constando os títulos da *Memória* em francês, catalogados com os números 264 a 271 e que teriam sido adquiridos, dessa forma, através do Ministério do Exterior por indicação de Nabuco e por anuência de Rio Branco.

Quanto aos *Discursos e Escritos Literários*, obra de Joaquim Nabuco, Machado de Assis (2003, p. 110) em carta datada do Rio, em 5 de janeiro de 1902, afirma:

> Agora mesmo estive relendo o seu discurso de entrada no Instituto, como tenho relido o mais do volume dos *Escritos e discursos literários* que V. me enviou, e naturalmente saboreando as suas belas páginas, idéias e estilo, e recordando os assuntos que passaram pela nossa vida ou pelo nosso tempo.

Dessa forma, fica provado que mais este exemplar que pertencia a Machado de Assis não está catalogado, como é caso similar o desaparecimento das três conferências sobre Camões: *The Place of Camões in litterature; Camões, the lyric Poet; The Lusíadas as the Epic of Love,* escritas por Nabuco (2003, p. 155):

> Mando-lhe duas coleções dos discursos que andei ultimamente proferindo, uma para a nossa Academia. V. verá com prazer que me tornei um propagandista aqui dos *Lusíadas*.

Conforme, notas (2003, p. 155) do editor, a referência aos *Lusíadas* seria sobre as conferências citadas e traduzidas para o português por Arthur Bomilcar.

> Três conferências publicadas em inglês: *The Place of Camões in Litterature; - Camões, the lyryc Poet; - The Lusíadas as the Epic of Love,* traduzidas para o português por Arthur Bomilcar.

Quanto à Revista *Washington Life,* que Machado (2003, p.137) agradece, em carta do Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1905:

> Obrigado pelo exemplar da *Washington Life* em que vem o seu telegrama ao Roosevelt. Já o havia lido, mas agora tenho aqui o próprio texto original, com as belas palavras e conceitos que você lhe soube pôr, como aliás, como aliás lhe põe a tudo.

Em nota (2003, p. 137), esta edição dá a tradução do telegrama de Nabuco "pela terminação da guerra russo-japonesa" a Roosevelt. Consultando os arquivos virtuais da Fundação Joaquim Nabuco[37], encontra-se a *Washington Life* como fonte de referência para a publicação desse telegrama:

---

[37] Disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/geral/NOVOCatlogoJN2008.pdf], acesso em 30 de maio de 2009.

> Of all the messages of congratulation sent to President Roosevelt on the conclusion of the Portsmouth Peace Conference. Washington Life, Washington, 9 Sep. 1905. [Cehibra/Copac Jp16 doc.318].

Na correspondência permutada com Mário de Alencar (1946) é possível encontrar notícia das muitas leituras realizadas por Machado e também de obras que lhe pertenciam e de outras que lhe foram doadas.

Dentre algumas delas que serão aqui listadas, outra obra que não consta do catálogo da *Biblioteca de Machado de Assis* (2001) é o livro de *Versos* de Mário Alencar (1946, p. 240 - 241), conforme carta do Rio, 18 de novembro de 1902:

> Mando-lhe tambem, não como presente, que não o póde ser, mas como lembrança do obscuro amigo, um livrinho de versos que hoje sahiu pela 1.ª vez da casa do editor. Auctor e editor merecem compaixão; e é somente compaixão que eu espero do meu illustre amigo, que é bom e há de perdoar este meu peccado. Guarde o livrinho como lembrança, e para isso nem precisa pôr-lhe os olhos mais que na capa.

O editor assinala o livro, como sendo *Versos,* publicado em 1902.

Em carta de Machado (1946, p. 241-242), tem-se:

> Tambem fica o livro de versos, presente e lembrança, cuja primeira pagina acabo de ler e é a melhor porta que podia dar ao edificio; advinhinei a pessoa que a inspirou, e saboreei o sentimento que exprime. Tambem adivinho que o livro corresponderá á carta em que a valia do dizer se forra de tão doce modestia. Vou lel-o como merece o seu talento.

Machado comenta o livro em *Horas Sagradas e Versos*, juntando o nome de Mário ao de Magalhães de Azeredo.

Em carta do Cosme Velho, em 21 de janeiro de 1908, o escritor do *Memorial de Aires* escreve a Mário (1946, p. 280):

> Agora, ao levantar-me, apesar do cansaço de hontem, metti-me a reler algumas paginas do

> *Prometheu* de Eschylo, atravez de Leconte de Lisle; hontem entretive-me com o *Phedon* de Platão, tambem de manham; veja como ando grego meu amigo.

Ao ler o trecho dessa carta, pareceu que Machado indicava obras que não constavam das contidas em sua biblioteca pessoal na ABL. Indo consultá-la, constata-se que o *Prometeu* (*Promètheus enchainé)* é o primeiro capítulo da obra de Leconte de Lisle intitulada *Eschyle* que não consta da *Biblioteca de Machado de Machado de Assis*, encontrando-se no catálogo de Vianna (apud Jobim, 2001, p. 256) apenas uma obra de Lisle com o nº 593, intitulada *Poémes barbares*.

Quanto ao *Phedon* de Platão, faz parte da obra *Oeuvres de Platon*, catalogada com os números 38 e 39 na *Biblioteca de Machado de Machado de Assis* (2001, p. 153).

Essa carta de Machado a Mário tem uma particularidade, porque é uma das missivas que mais tem inspirado os pesquisadores em estudos sobre o "cuidado de si", a título de exemplo temos na obra*: Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas* (2000, p. 137 a 145), Maria Helena Werneck com o estudo *Veja como ando grego, meu amigo: os cuidados de si na correspondência machadiana*.

Dos muitos livros publicados pela pena de Machado de Assis, constam no catálogo da sua biblioteca em Vianna (apud Jobim, 2001, p. 185-186) apenas seis títulos, enumerados na sequencia 185 – *Americanas*; 186 – *Helena;* 187 e 188 – *Histórias sem data*, dois volumes*;* e, 192 – *Várias Histórias*. De acordo com depoimento do próprio, na *Correspondência*, ele chega a informar que não é possuidor de todos os exemplares de sua própria produção, entretanto, em carta a Mário (1946, p. 280), datada de: "Quarta-feira (provavelmente 30 de julho de julho de 1908). [...] Hoje durante o dia reli a *Mão e a Luva*."

Machado afirma ter relido *A Mão e a Luva* a pouco menos de dois meses de sua morte, quando mal saía de casa, pelo agravamento da doença e pelos problemas dos olhos, conforme relato epistolar, dessa forma, é possível inferir que constava de sua biblioteca esse volume.

Quando o assunto é o escritor Arthur Schopenhauer, Vianna, (apud Jobim, 2001, p. 235-237), anota nove exemplares do autor, variando os títulos entre o alemão e o francês. Dos nove exemplares, Vianna (apud Jobim, 2001, p. 235-236), comparando a própria lista a de Jean-Michel Massa, não localizou dois: n.º 476: *Essai sur Le libre arbitre par(...)* e n.º 478: *Pensées, maximes et fragments*.

Machado (1946, p. 314), em carta de 6 de agosto de 1908, conta a Mário de suas atividades e leituras: "Estou passando a noite a jogar paciências; o dia, passeio a reler a *Oração sobre a Acrópole*, e um livro de Schopenhauer."

Quanto às obras de Ernest Renan, constam no catálogo de Vianna, (apud Jobim, 2001, p. 258-259), doze exemplares enumerados de 611 a 622, sendo que o nº 622: *Souvenirs d'enfance et de jeunesse par (...)* não foi encontrado, também não constando o título *Prière sur l'Acropole* de 1876, que Machado cita em Português: *Oração sobre a Acrópole*, e que, por estar relendo a esta altura da vida, pode-se inferir que era de sua propriedade.

Outra obra citada na interlocução é o *Egoist* de Meredith (1946, p. 316) que possivelmente foi emprestado a Mário poucos dias antes da morte de Machado, conforme é possível comprovar em carta de 9 de agosto de 1908: "Se já tiver acabado de ler, peço que me mande o volume do *Egoist* de Meredith."

Machado (1946, p.317) responde ao pedido de empréstimo num *Post escriptum* da carta de 9 de agosto de 1908: "O *Egoist* conto acabal-o amanham.", assim, essa obra poderia constar do acervo da família Alencar.

Conforme a edição da *Correspondência* de 1946, esse diálogo se encerra com a carta de 29 de agosto de 1908, escrita por Machado a Mário.

No tocante a correspondência permutada entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo é possível encontrar todo o processo de elaboração de algumas de suas obras, desde a composição de versos, de contos e novelas até mesmo as dificuldades encontradas com os editores para a publicação e divulgação da obra, até a intervenção do Mestre da Literatura Brasileira junto às casas editoriais da época.

A obra *Alma Primitiva* de Magalhães de Azeredo (1969, p. 56), tem toda uma história nas correspondências permutadas nesse diálogo, chegando a ser citada várias vezes pelos dois missivistas.

Nesse diálogo, encontramos o seguinte:

> Pelo último vapor lhe enviei um exemplar da *Alma Primitiva;* e a proposito d'esta apresso-me em dar-lhe os meus mais sinceros e fervorosos agradecimentos. Devo-lhe demais uma explicação pelo meu telegrama que o foi sorprhender. Bem sabe as apprehensões que eu já tinha sobre a sorte do meu livro antes de sahir elle do prelo; confiei-lhe os meus receios e desanimos. O editor me tinha assegurado que o não poria á venda antes de prevenir-me a tempo de poder eu tomar algumas precauções necessarias; esqueceu-se d'isso, entretanto, e, quando eu recebi os primeiros exemplares com uma carta d'elle, já o volume tinha apparecido. Chegam, dias depois, os jornaes do Rio; silencio, silencio absoluto, ou quando muito, referencias breves, superficialissimas. Quanto à *Gazeta*, nem notícia dava do apparecimento do livro...

Machado de Assis (1969, p. 58) responde:

> Ja a hade ter, desde quarta-feira da semana passada um telegramma em resposta ao seu de segunda-feira, relativamente á *Alma Primitiva*. Não sei se haverá o meu; quis dizer-lhe que desde o domingo anterior tinha escripto sobre o seu livro. Fi-lo na *Semana*, que é, como sabe, a minha gazeta da *Gazeta*.

E mais adiante, em carta do Rio de Janeiro de 22 de setembro de 1895, Machado de Assis (1969, p. 60) escreve:

> O que não recebi pelo paquete anterior à carta ultima foi o exemplar da *Alma Primitiva*, que me dis haver mandado. O seu editor, passando eu pela rua de S. José, chamou-me e deu-me um exemplar, que li e guardei; mas não foi de ordem sua, nem tal me disse. provavelmente ficou em alguma das malas do correio, e foi por alguem, a pessoa não cumpriu a sua ordem nem o meu desejo. Dou-me pressa em diser isto para explicar o meu silencio.

Azeredo (1969, p. 62) em carta de "Montevidéo – 6. X.95." responde a Machado de Assis:

> Sabendo pela sua ultima que se havia extraviado o exemplar da *Alma Primitiva* que lhe mandara d'aqui, pretendi enviar-lhe outro, e o fiz encadernar especialmente para isso; o trabalho, porem, não se concluiu a tempo, e agora só irá o livro quando houver outro portador seguro; no correio não tenho grande fé.

E a *Alma Primitiva* chegou às mãos de Machado de Assis pelo Capitão de Fragata Benjamim de Mello, conforme assinala Azeredo (1969, p. 66) em carta de "Montevidéo, 7. XI.95":

> Com esta carta vai um exemplar da *Alma Primitiva* a que já me referi outra vez. Mandei encadernar tres: um para minha Mãe, outro que lhe é destinado e outro para o Mário de Alencar. Bem vê que, si como presente pouco vale, como demonstração de amizade significa muito. Espero, pois, que lhe será grata essa lembrança.

Com base nesse diálogo, percebe-se que a *Biblioteca de Machado de Assis* tinha dois exemplares da *Alma Primitiva*, tendo sido um deles doado pelo editor de Magalhães de Azeredo e o outro com encadernação especial feita para presentear a própria mãe do autor, Machado de Assis e Mário de Alencar.

Semelhante ao caso da *Alma Primitiva* é a obra *Procelárias* de Magalhães de Azeredo, da qual Machado de Assis também recebeu dois exemplares do amigo poeta.

Azeredo (1969, p. 153) em carta datada de "Albano Laziale, em 31.VIII.98.", escreve:

> [...] só lhe posso escrever poucas linhas para pedir-lhe o obsequio de ir á livraria Laemmert buscar o seu exemplar das *Procellarias*, que partiu com toda a edição para o Rio. Como o caixote foi expedido de Lisboa, tive de escrever as dedicatorias em folhas separadas que devolvi á casa impressora para lá se fazer a brochura, não podendo assim mandar cada exemplar directamente ao seu destinatario.
> [...] Deixe-me dizer que estou muito queixoso do seu silencio. Sabe quando recebi a sua ultima carta? A 31 de Maio, isto é, ha tres mezes justos. Depois d'isso quantas vezes lhe tenho escripto! tive o cuidado de mandar-lhe um dos primeiros exemplares, ainda por brochar, das *Procellarias*, e nem assim me respondeu.

Azeredo (1969, p. 157) em carta da Legação do Brasil junto a Santa Sé, escreve:

> Vejo que recebeu o exemplar, ainda por brochar, das *Procellarias*, e o da edição especial de *Ode a Portugal;* como já sabe, não pude ler a carta em que d'esta me fallava. Na minha última já lhe pedi para ir buscar na livraria Laemmert o seu exemplar definitivo das *Procellarias*.

De acordo com estas informações enviadas de Roma, fica claro que Machado de Assis recebeu dois exemplares distintos das *Procelárias* de Magalhães de Azeredo, sendo uma deles ainda por brochar e o outro em edição definitiva.

Vianna (apud Jobim, 2001), no seu catálogo, não descreve nenhuma obra de Azeredo como pertencente à *Biblioteca de Machado de Assis*. Embora tivessem sido enviados, a Machado de Assis, dois volumes das *Procelárias* e um volume da edição especial da *Ode a Portugal*.

Em resposta, Machado de Assis (1969, p. 155), em carta do Rio de Janeiro, 9/9/1898, confirma o recebimento:

> Também recebi a edição especial da bella *Ode a Portugal* com a Carta a Eça de Queiroz, que serve de prefacio. Já lhe fallei da *Ode;* a carta não está só bem escripta, mas encerra vistas largas e verdadeiras. O seu caso é um dos melhores da nossa mocidade; domina o verso e a prosa, o seu estylo vae-se robustecendo (como na *Carta* ao Eça, por exemplo) e tem ja, sem desmerecer as verduras proprias da estação a nota de um escriptor maduro.

E depois de Machado de Assis muito ajudar na negociação das *Baladas e Fantasias*, é enviado por Azeredo (1969, p. 198) um exemplar ao Mestre e amigo deste escritor.

> Espero que já terá em seu poder o exemplar que lhe expedi das *Balladas e Phantasias;* como creio que gosta de especialidades bibliográphicas ou typográphicas que se lhes chame, destinei-lhe como ao nosso Mario, um dos poucos exemplares *intonsos* que sahiram do prelo.

Machado (1961, p. 200), responde:

> Recebi hoje o seu livro, e ainda não pude começar a lel-o. O exemplar do Quintino será entregue amanhã ou depois. Afinal conseguimos vel-o acabado e aqui. Eu ja receiava não ter sido lembrado. [...] Até, breve, meu querido amigo, vou ler as suas *Balladas e Phantasias*, e dir-lhe-hei o que senti.

As *Baladas e Fantasias* serão comentadas por Machado de Assis a Azeredo em carta datada do Rio de Janeiro, em 20 de dezembro de 1900, denotando a leitura da obra que já lhe era conhecida antes da publicação.

Ainda de Roma, Azeredo (1969, p. 223) em carta que faz referência ao *Poema da Paz*, adianta que está enviando antes do poema, um livro.

> Antes, porém, receberá outro livrinho que já vae em viagem. Diga-me a sua opinião sobre elle; eu quero publicar todo um volume no mesmo género, isto é, com a mesma classe de metrificação, e sem rima, intitulando-o *Odes e Elegias*. Já tenho algumas escritas.

Azeredo (1969, p 226), através da carta de 12 de julho de 1901, faz perceber que o livro enviado chama-se Elegias a Leão XIII:

> Não sei se lhe haverá chegado ás mãos o seu exemplar das *Elegeias a Leão XIII*. Foi dirigido á casa Laemmert com a edição inteira, e naturalmente se apressarão a dar-lh'o logo que o caixote ahi se ache. Estou desejoso de saber que impressão ahi terá feito o meu livrinho.

Em carta do Rio de Janeiro em 15 de agosto, Machado (1969, p. 228) diz: "Não recebi o exemplar das *Elegias a Leão XIII;* espero que venha e mais outros trabalhos que me promette."

Na carta seguinte, datada de 14 de novembro de 1901, Machado (1969, p. 230) afirma ter com ele três lembranças enviadas por Azeredo, e após comentar o retrato recebido, comenta as *Elegias:*

> Vimos aqui o seu ensaio metrico das elegias a Leão XIII (sic), e as razões delle na *Mensagem* que as acompanha. Por extranho ou novo que seja, é um esforço litterario digno de apreços ainda que delle não resulte uma via nova à poesia. Onde ha ideias e língua com que as expressar, fica alguma cousa que os letrados, pelo menos, apreciarão devidamente.
> [...] Muito obrigado por este volume; mande-me assim outros, flores da mocidade e do engenho, annunciados na ultima carta que me escreveu.

Desta forma, fica confirmado que Machado recebeu a *Elegias a Leão XIII*. E, Azeredo (1969, p. 232) responde:

> Não tenho tempo aqui de falar-lhe sobre as Elegias a Leão XIII; fica para outra vez. Dir-lhe-hei sómente que o conhecimento foi qual eu desejava, por parte da crítica. Ainda não sentem a harmonia d'esses versos, *por falta de hábito*; sentil-a-ão com o tempo. Já recebeu o *Poema da Paz?* Gostou d'elle?

Quanto ao *Poema da Paz*, ainda em carta de Roma datada de 21 de Janeiro de 1902, Azeredo (1969, p. 234-235) vai

recomendá-lo a Machado, pedindo que o divulgue na imprensa, pois esta mantém silêncio sobre a obra.

Em carta de Machado de Assis (1969, p. 261) temos o recebimento da obra *Odes e Elegias:*

> Aqui tenho as suas *Odes e Elegias*. Traz a dedicatória datada de 9 de Outubro, quer dizer chegou depois do dia 20 do mesmo mez, daquelle dia funesto para mim. A turvação do meu espirito não me permittiu ler claramente e logo este seu novo trabalho. Só mais tarde o fiz, e só agora posso dizer que o puder reler com a attenção que elle merece.

Dentre os exemplares enviados por Magalhães de Azeredo e no diálogo epistolar permutado com Machado de Assis, é possível inferir que também foi enviado ao autor do *Memorial de Aires*, a obra *Homens e Livros*, publicado em 1902, época que Azeredo esteve no Brasil, dessa forma não constando nas cartas abertamente o envio do livro, mas Azeredo (1969, p. 237), em missiva de Petrópolis escreve:

> O meu novo livro acaba de chegar; nelle verá um estudo meu a seu respeito, que já conhece, e em nota a promessa de outro mais desenvolvido que será por si só um livro. Mas muito falaremos dos meus trabalhos começados e concluídos.

Como Azeredo estava no Brasil, pode ter entregue o livro em mãos conforme pode-se inferir pela citação e tendo sido o escritor de *Homens e Livros* um dos correspondentes que sempre cuidou de enviar suas obras a Machado, certamente não deixaria de lhe entregar um exemplar de um livro que trazia um estudo sobre o escritor de *Esaú e Jacó*.

Além dos próprios livros, Azeredo (1969, p. 114) também enviava revistas ao seu Mestre, como é o caso da *Revista Ítalo-Brasiliana*, na qual escreve sobre Machado de Assis.

> Envio-lhe um numero da *Rivista Italo-Brasiliana* q. se publica em Roma, e onde vem um artigosinho a

> seu respeito; o artigo, alem de não estar mto. bem traduzido do francez, não sahiu todo como fora escripto; as exigencias da paginação fizeram cortar alguns trechos, como um estudo comparativo entre seu humorismo e dos inglezes e allemães.

Machado de Assis (1969, p. 121) responde a carta de Azeredo sobre a *Revista Ítalo-Brasiliana*:

> Aqui tenho a *Rivista Italo-Brasiliana*, com o meu retrato e um artigo excessivamente benevolo. Isto, e a noticia que me dá do texto primitivo e dos córtes que lhe fizeram, faz-me crer que o artigo é seu. Assim pensando, achei até prova disto nas duas letras minusculas da assignatura, *a* e *r*, a quarta lettra dos nomes de Magalhães de Azeredo. Ria-se à vontade; se as pôz fortuitamente veja que dou para achar documentos nos mais inesperados vestigios. Seja o que for, agradeço cordialmente daqui ao autor daquellas palavras, e se pudesse enviar-me o que foi cortado do texto primitivo, dar-me-hia muito prazer.

Em resposta ao pedido de Machado de Assis apresentado nesta citação, escreve Azeredo (1969, p. 124):

> Confessar-lhe-hei que sou o auctor do pequeno artigo publicado na *Revista Italo-Brasiliana*; posto que adivinhou, digo-lhe a verdade; o estudo era, como lhe escrevi algo mais largo; não sei si guardei em Paris copia d'elle, creio que não; talvez obtenha ainda o manuscripto, dirigindo-me ao editor do periodico.

Além da *Rivista Ítalo-Brasiliana* também foi enviada por Azeredo (1969, p. 127) um exemplar da *Revista Moderna*, na qual há um artigo sobre Machado de Assis.

> A *Revista Moderna* tem trazido frequentes escriptos meus; o ultimo numero, de que conto enviar-lhe um exemplar por este correio, para que mais depressa o receba, é-lhe especialmente dedicado, trazendo o seu retrato na capa e em folha separada, e um estudo que tive o immenso gosto de escrever a seu respeito. Estou deveras contente com esta bella occasião que se me deparou de poder tratar mais largamente da sua pessoa e da sua obra; na *Rivista Ítalo-Brasiliana* apenas pude fazer um artiguinho já de si breve e que ainda por cima teve de ser cortado.

Em resposta, Machado de Assis (1969, p. 130) escreve:

> [...] Não fallo tambem do critico, porque seria suspeito, depois do artigo, que publicou a meu respeito no ultimo numero da *Revista Moderna*. Recebi, li e guardo, como lembrança de affeição sincera, este seu artigo. Muito lhe agradeço cá de longe a sympathia do juízo.

Além desse exemplar da *Revista Moderna* que traz o artigo sobre Machado de Assis, também foi enviada por Azeredo (1969, p. 160), outro exemplar da mesma série que traz um artigo de Mário de Alencar.

> Breve receberá o último número da *Revista Moderna* com retratos meus, e um bellissimo artigo do nosso Mario; a muita amizade que elle me tem o inclinou naturalmente á indulgencia, mas por outro lado a intimidade das nossas relações já de longa data o habilitou para traduzir fielmente o meu coração e o meu espírito.

O artigo da *Revista Moderna* sobre Machado de Assis teria sido transposto para as páginas da obra *Homens e Livros*.

Das 41 Revistas catalogadas por Vianna (apud Jobim, 2001, p. 192-199) e enumeradas de 219 a 257, não constam as revistas *Ítalo-Brasiliana* e *Moderna*, enviadas por Magalhães de Azeredo para Machado de Assis.

Neste caso, temos mais vários exemplares de livros que constam como não catalogados e dos quais o escritor de *Memórias Póstumas* foi possuidor, além de três exemplares de revistas, sendo dois desses exemplares, da *Revista Moderna*.

Montello, (1986, p. 102), além de informar sobre o veto de Machado de Assis ao nome de Emílio de Meneses para a ABL, diz sobre este:

> Não obstante o seu temperamento satírico, sempre inclinado a mostrar (é sua expressão) os deuses de ceroulas, Emílio de Meneses resguardou de suas setas envenenadas o mestre de *Dom Casmurro*. Mas do que isso: curvou-se diante de seu talento com a reverência escrita que nunca tivera ninguém. Haja

> vista a dedicatória à entrada de *A marcha fúnebre*, no exemplar que lhe mandou [...]

Adiante, Montello, (1986, p. 102-103), transcreve a dedicatória de Emílio de Meneses para Machado de Assis:

> "A Machado de Assis, o mestre querido e incontestado da 'Mosca Azul' e inimitável prosador do *Brás Cubas*, esta humilde prova de incondicional admiração de um independente. Emílio de Meneses. 1894."

Curiosamente, Machado de Assis publica em 1906 a obra *Relíquias da Casa Velha*, na qual se encontra um conto chamado *Marcha Fúnebre*.

Em 4 de junho de 1897, Thomaz Pompeu de Sousa escrevia do Ceará a Machado de Assis e enviava ao mestre da Literatura Brasileira a Revista da Academia Cearense, atualmente, Academia Cearense de Letras e dava notícias das atividades por lá realizadas.

> [...]
> A Academia cearense esta a completar o seu segundo anno de existencia, e neste lapso de tempo tem [...] tão somente de assumptos culturais e scientíficos.
> A sua revista que será remettida a V. Ex.ª attestará o que [...] e avançar[38].

Segundo dados da *Wikipédia*, enciclopédia virtual, por motivo do site da Academia Cearense de Letras não está funcionando, por ocasião da consulta, descobrimos que Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho foi o primeiro presidente da Academia Cearense de Letras e esta teve sua fundação anterior a Academia Brasileira de Letras.

> A **Academia Cearense de Letras** (**ACL**) é a entidade literária máxima do estado do Ceará. A **ACL** é a mais antiga das Academias de Letras existentes no Brasil, fundada em 15 de agosto de

[38] Manuscrito autógrafo, ainda inédito e disponível na ABL.

> 1894, três anos antes da Academia Brasileira de Letras[39].

Os dados da correspondência emitida por Tomás Pompeu de Sousa indicam que a Academia Cearense de Letras estava completando dois anos de existência, de acordo com o site seriam três. Quanto à revista, de acordo com site consultado, enviada a Machado de Assis, seria o segundo volume, uma vez que sua publicação era anual.

> [...]
> Foi fundada como *Academia Cearense* e a primeira revista foi publicada em 1896, com periodicidade anual até 1914. Seu primeiro presidente foi Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho. Iniciou as atividades com 27 membros[40].

Esses são alguns dos exemplos que podem ser verificados nas cartas inéditas dentre as centenas delas, que ainda existem, e que seria necessário um período muito maior de tempo para identificar outras dessas obras ainda não catalogadas nem por Massa (2001) e nem por Vianna (2001).

Dessa forma, para uma melhor visualização, o próximo tópico traz uma lista das obras não catalogadas nem por Massa (2001) e nem por Vianna (2001), totalizando 48 títulos, apontando os respectivos autores e doadores.

4.1 LISTA DE OBRAS NÃO CATALALOGADAS N'*A BIBLIOTECA DE MACHADO DE ASSIS*

OBRA	AUTOR	DOADOR
A House Boat on the	John Kendrick	Salvador de

[39] Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_Cearense_de_Letras], acesso em: 03, agosto, 2009.
[40] Idem, ibidem.

Styx	Bangs	Mendonça
A Mão e a Luva	Machado de Assis	-
A marcha fúnebre	Emílio de Meneses	Emílio de Meneses
Alma Primitiva	Magalhães de Azeredo	Magalhães de Azeredo
Alma Primitiva	Magalhães de Azeredo	Editor de Magalhães de Azeredo
Annuario Fluminense – Almanaque histórico da cidade do Rio de Janeiro para 1901. Com analyse e rememoração do anno de 1900, secções de litteratura inédita e informações úteis.	Ferreira da Rosa e Cardoso Junior.	José veríssimo
Baladas e Fantasias	Magalhães de Azeredo	Magalhães de Azeredo
Camões, the lyric Poet	Joaquim Nabuco	Joaquim Nabuco
Cantos Matutinos	Francisco Gomes de Amorim	Francisco Gomes de Amorim
Chanaan	Graça Aranha	Graça Aranha
Código Civil	-	Ruy Barbosa
Da Poesia, caracteres essenciais; diferença da prosa; qualidade de poeta.	F. Américo de Menezes Dória	Barão de Loreto
Discursos e Escritos Literários	Joaquim Nabuco	Joaquim Nabuco
Efêmeros	Francisco Gomes de	Francisco Gomes de Amorim

	Amorim	
Egoist	George Meredith	-
Elegias a Leão XIII	Magalhães de Azeredo	Editor de Magalhães de Azeredo
Eloá, Mistério	Gentil Braga	Joaquim Serra
Esaú e Jacó	Machado de Assis	José Verisimo
Eschyle	Leconte de Lisle	-
Homens e coisas estrangeiras	José Verisimo	José Verisimo
Homens e Livros	Magalhães de Azeredo	Editor de Magalhães de Azeredo
Horas do bom tempo	Lúcio de Mendonça	Lúcio de Mendonça
Memórias Biográficas de Garrett (1º tomo) e (2º e 3º[41])	Francisco Gomes de Amorim	Francisco Gomes de Amorim
Memorias Póstumas de Blas Cubas	Machado de Assis (versão de Julio Piquet)	Luís Guimarães Filho
Mosaico	Joaquim Serra	Joaquim Serra
O Poema da Paz, na Aurora do Século XX	Magalhães de Azeredo	Editor de Magalhães de Azeredo
Ode a Portugal[42]	Magalhães de Azeredo	Magalhães de Azeredo
Odes e Elegias	Magalhães de Azeredo	Editor de Magalhães de Azeredo
Oração sobre a Acrópole Prière sur l'Acropole	Ernest Renan	-

[41] Os tomos 2 e 3 dessa mesma obra, são confirmados através de MONTELLO (1986).
[42] Edição especial.

Procelárias[43]	Magalhães de Azeredo	Magalhães de Azeredo
Procelárias[44]	Magalhães de Azeredo	Magalhães de Azeredo
Revista Amazônica	José Verisimo (Diretor)	José Verisimo
Revista Moderna[45]	Revista	Magalhães de Azeredo
Riachuelo	Luís José Pereira Silva	Faustino Xavier de Novais
Rivista Italo-Brasiliana	Revista	Magalhães de Azeredo
Saudades	José Luís Vieira de Sá Júnior	Faustino Xavier de Novais
Semanário Maranhense	Revista Literária	Joaquim Serra
Sertanejas	Antonio Joaquim Franco de Sá	Joaquim Serra
The Lusíadas as the Epic of Love	Joaquim Nabuco	Joaquim Nabuco
The Place of Camões in litterature	Joaquim Nabuco	Joaquim Nabuco
Um coração de mulher – Poema Romance[46]	Joaquim Serra	Joaquim Serra

[43] Um exemplar ainda por brochar das *Procelarias*.
[44] Exemplar definitivo das *Procelárias.*
[45] Magalhães de Azeredo enviou mais de uma Revista para Machado de Assis, conforme pode ser observado nas citações dispostas no texto que fundamenta esta lista, como não foi possível indicar os números, limitamos aqui, apenas a informar que a citada Revista fez parte do acervo de Machado.
[46] Este livro traz na capa o título *Um coração de Mulher* e na contracapa *Um coração de Mulher – Poema-Romance*, conforme pode ser observado na digitalização da obra completa pelo *Google*, disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=K91JAAAAIAAJ&dq=um+cora%C3%A7%C3%A3o+de+mulher++joaquim+serra&printsec=frontcover&source=bl&ots=QVDnhZTGRJ&sig=dlaTc3IaYLKOp_uOnP7CUrNGZM&hl=ptBR&ei=8_4YSr2aAsHgtgf6__TeDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1#PPA3,M1], acesso em março de 2009.

Uma Cena Contemporânea	Luís Guimarães Jr.	Luís Guimarães Jr.
Versos	Mário de Alencar	Mário de Alencar
Washington Life	Revista	Joaquim Nabuco
Revista da Academia Cearense	Revista	Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho
Estudos de Literatura (4.º série)	José Verisimo	-
6º volume da Biblioteca literária[47]	Nuno Álvares Pereira e Sousa	Nuno Álvares Pereira e Sousa

[47]Silvia Eleutério (In Rouanet: 2008, p. 204) assinala sobre a obra: " *Prazeres do Campo, Prazeres da Corte* faz parte da coleção "Biblioteca Literária" nº 6, publicada em São Luís, em 1863, cujo editor Belarmino de Matos, no proêmio, dá a notícia de que o volume nº 6 seria composto pela produção de três autores; entretanto, no exemplar da Fundação Biblioteca Nacional a que se teve acesso, só figura o pequeno conto de Nuno Álvares Pereira e Sousa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> A homenagem que o Ferrero lhe prestou é digna dele e da Itália. V., graças à nova geração dos Veríssimos e Graças, que explicaram a admiração inconsciente que V. inspirou à geração anterior, ou à nossa, goza hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lê-lo e estudá-lo para compreender a fascinação exercida por V. sobre o seu tempo.
>
> Joaquim Nabuco

Apesar de ter ficado por muito tempo sem merecer a devida atenção, a literatura epistolar machadiana, nos últimos tempos, passou a merecer o olhar dos estudiosos de Machado de Assis, como fonte para novas pesquisas sobre o autor e sua produção intelectual.

Publicações relevantes como as de Montello e a de Ribas, dentre outros estudos que estão em curso, vem mostrar que as cartas de Machado de Assis podem revelar dados esclarecedores sobre a vida e a produção intelectual machadiana e de outros escritores, seus contemporâneos.

No decorrer da pesquisa sobre a literatura epistolar machadiana, percebemos o quanto esse material pode ser relevante, por ser um acervo que fornece dados importantes acerca de aspectos literários diversos, tais quais: a produção crítica no Brasil, na Europa e na América; as dificuldades enfrentadas pelos escritores para a divulgação de suas obras; e, principalmente, o que era lido, em termos de literatura, e divulgado através da imprensa da época.

Muitos dos livros mencionados na correspondência a Machado de Assis foram enviados pelos respectivos autores, e a intenção deles era que fosse feita a apreciação crítica, de modo que a obra ganhasse a estima pública pela voz machadiana.

Além do aspecto literário, as correspondências têm valor histórico, social, político e econômico, pois fizeram parte de uma determinada época. Por isso, como ainda não tiveram toda

a atenção que deviam ter, faz-se necessário direcionar um olhar, de modo que sejam percebidas as nuances que nelas se escondem, por meio de cada fio que conduz a muitas direções, e envolve o próprio autor das cartas, a sua produção, os jornais da época, a história do período e a sua respectiva produção literária (tanto brasileira quanto estrangeira), os interesses dos missivistas etc. Em suma, há muitas questões que estão, de uma forma ou de outra, disseminadas em todas e cada uma das cartas manuscritas.

Assim, nesta pesquisa, que por ora estamos concluindo, mas que não consideramos acabada, em virtude do grande número de manuscritos ainda inéditos, acreditamos que no diálogo que é possível estabelecer entre as cartas, a vida e a obra do autor e seu tempo, pudemos, de certa forma, contribuir com os estudos acerca de Machado de Assis, inclusive realizando o levantamento de mais 48 títulos até hoje não catalogados nem por Massa e nem por Vianna e que possivelmente fizeram parte do acervo da Biblioteca de Machado de Assis.

Portanto, esperamos ter contribuído para uma discussão que parece já está em curso, quando o assunto abordado são as correspondências trocadas entre Machado de Assis e seus inúmeros interlocutores.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 DO AUTOR

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Manuscritos autógrafos de Machado de Assis e seus correspondentes.**

CASA DE RUI BARBOSA. **Manuscrito autógrafo de 1 de outubro de 1898.**

MACHADO DE ASSIS. **Correspondência.** Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica – Americo Bedeschi, editor, 1932.

___. **Correspondência.** Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938.

___. **Correspondência.** Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. Editores, 1946.

___. **Correspondência.** Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: W.M. Jackson Inc. Editores, 1962. (Obras Completas de Machado de Assis)

___. **Correspondência.** São Paulo: Editora Globo, 1997.

___. **Correspondência de Machado de Assis, tomo I:** 1860-1869. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008. (Coleção Afrânio Peixoto, 84).

___. **Crítica.** Org. Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

MACHADO DE ASSIS & MAGALHÃES DE AZEREDO. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo.** Rio de Janeiro: INL/MEC, 1969. Edição preparada por Carmelo Virgillo.

MACHADO DE ASSIS & JOAQUIM NABUCO. **Correspondência.** Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2003. Graça Aranha (Organização, introdução e notas) e José Murilo de Carvalho (prefácio à 3ª edição).

6.2 SOBRE O AUTOR

ALMEIDA, Nelson Abel. **À margem da correspondência de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Academia Espírito-Santense de Letras/Academia de Letras do Rio de Janeiro, 1981. (Separata do anuário nº2 da Academia de Letras do Rio de Janeiro)

ARANHA, Graça (Organização, introdução e notas). In: MACHADO DE ASSIS & JOAQUIM NABUCO. **Correspondência**. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **As duas repúblicas.** In: ARANHA, Graça (Organização, introdução e notas). **Machado de Assis & Joaquim Nabuco:** Correspondência. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2003. (Prefácio a 3ª edição).

ELEUTÉRIO, Silvia. **Notas**. IN: **Correspondência de Machado de Assis, tomo I:** 1860-1869. Apresentação,

coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008. (Coleção Afrânio Peixoto, 84).

FARIA, João Roberto. **Alencar e Machado**: breve diálogo epistolar. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. (orgs.). **Prezado senhor, Prezada senhora:** estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JOBIM, José Luís (organização). **A Biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2001.

___. **Introdução.** In: JOBIM, José Luís (organização). **A Biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). **Prezado senhor, Prezada senhora:** estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Ubiratan. **Bibliografia Machadiana 1959-2003.** São Paulo: Edusp, 2005.

MAGALHÃES JR. Raymundo. **Machado de Assis.** s/a. (Grandes biografias, vol. 2).

MASSA, Jean-Michel. **A Biblioteca de Machado de Assis.** In: JOBIM, José Luís (organização). **A Biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2001.

MONTELLO, Josué. **O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira**. 2.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. (Coleção Documentos Brasileiros; v. 201).

MOUTINHO, Irene. **Notas**. IN: **Correspondência de Machado de Assis, tomo I:** 1860-1869. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008. (Coleção Afrânio Peixoto, 84).

NASCIMENTO, José Leonardo do. **O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do Século XIX:** Estética e História. São Paulo: UNESP, 2008.

NERY, Fernando. In: **Correspondencia de Machado de Assis.** (Colegida e anotada por Fernando Nery). Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1932, (Nota introdutória).

OLIVA, Osmar Pereira. **Joaquim Maria Eça de Queirós (1845-1900).** Revista Convergência Lusíada, 21 – 2005.

PACHECO, João. **Machado, discípulo de Eça? Jornal** O Estado de São Paulo: 05/06/1965.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Onze anos de correspondência: os *machados* de Assis.** Rio de Janeiro: PUC Rio: 7 Letras, 2008.

ROSA, Alberto Machado da. **Eça, Discípulo de Machado?** Formação de Eça de Queirós (1875-1880). 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1963.

ROUANET, Paulo Sergio. **Introdução**. IN: **Correspondência de Machado de Assis, tomo I:** 1860-1869. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008. (Coleção Afrânio Peixoto, 84).

VIANNA, Glória. **Revendo a biblioteca de Machado de Assis.** In: JOBIM, José Luís (organização). **A Biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2001.

WERNECK, Maria Helena. **"Veja como ando grego, meu amigo":** os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). **Prezado senhor, Prezada senhora:** estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

6.3 GERAL

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_Cearense_de_Letras], acesso em: 03, agosto, 2009.

ABREU, Estela dos Santos & TEIXEIRA, José Carlo Abreu (revisão e ampliação). **Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso.** 9. ed. rev. ampl. Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, 2007.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. **Obras de Eça de Queiróz.** Porto: Lello & Irmão – editores, s/a. Volumes I, II e III.

___. **Echos de Pariz.** 5ª ed. Porto: Lello & Irmão, Ltda, 1924.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Básico escolar Koogan-Larousse.** Rio de Janeiro: editora Larousse do Brasil, 1982.

QUEIROZ, José Maria de Almeida Teixeira de. **Meu querido J. Maria** (carta de 22-

2[1878]).Disponívelem:[http://books.google.com.br/books?id=ss1KekN9NUkC&pg=PA47&lpg=PA47&dq=jornais+do+porto++1878++primo+bas%C3%ADlio&source=bl&ots=s5LlW201JF&sig=DxW7WfDcp2YucqQaohYU08bfyow&hl=ptBR&sa=X&oi=book_result&resnum=2&ct=result], acesso em: 15/11/2008.

VERÍSSIMO, José. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908.** Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2003.

___. **História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional - Departamento Nacional do Livro, s/a.

6.4 TEÓRICA

FRANCHETTI, Paulo. **O Primo Basílio e a Batalha do Realismo no Brasil.** In: **Convergência Lusíada**, nº 21, 2005, pp 253-279.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo